

A TIPOLOGIA DA BRETANHA NA TRADIÇÃO DE CASA POPULAR MICAELENSE

A IMPORTÂNCIA DO LUGAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Ana Rita Nunes Sampaio

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA

*À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARQUITETURA*

A TIPOLOGIA DA BRETANHA NA TRADIÇÃO DE CASA POPULAR MICAELENSE
A IMPORTÂNCIA DO LUGAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Dissertação em Mestrado Integrado em Arquitetura (FAUP)
Ano Letivo 2015/2016
Ana Rita Nunes Sampaio
Orientador: Professor Doutor José Manuel Soares

“Oh as casas as casas as casas
as casas nascem vivem e morrem
Enquanto vivas distinguem-se umas das outras
distinguem-se designadamente pelo cheiro
variam até de sala pra sala

(...)

Eu amei as casas os recantos das casas
Visitei casas apalpei casas
Só as casas explicam que exista
uma palavra como intimidade
Sem casas não haveria ruas
as ruas onde passamos pelos outros
mas passamos principalmente por nós

(...)

Oh as casas as casas as casas”

Belo, Ruy. *Oh as casas as casas as casas* in «todos os poemas»

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor José Manuel Soares, pela disponibilidade e empenho na orientação.

Aos meus pais, pela confiança e apoio incondicional constantes ao longo do meu percurso.

Às minhas irmãs, pela paciência.

À minha avó, pela partilha de conhecimentos.

Aos amigos que me acompanharam, de longe ou de perto, pela partilha e incentivo.

Ao Doutor Rui Medeiros, pelo passeio e encorajamento.

À Professora Doutora Isabel Albergaria, pela discussão e ajuda.

À Câmara Municipal de Ponta Delgada, pela amabilidade na disponibilização de desenhos.

Aos moradores da Bretanha, pela confiança e abertura.

RESUMO
ABSTRACT

RESUMO

O lugar é o principal responsável pela maioria dos fenómenos do habitat. Com base neste pressuposto, a presente dissertação serve-se do estudo do lugar – a ilha de São Miguel – para a compreensão do seu povo e da sua arquitetura.

A arquitetura popular, a de enfoque do presente estudo, é a mais crua representação da identidade do povo enquanto reflete as especificidades do lugar. A tradicional casa popular micaelense surge no panorama insular como parte integrante da paisagem, não se limitando, no entanto, à sua função meramente referencial do cenário rural da ilha. É portadora, também ela, de uma identidade própria e expressiva que se pretende ressaltar. A tradição, que não se limita a um intervalo temporal e está presente ainda nos espaços contemporâneos, é a norteadora do trabalho, e é através dela que se torna possível a sistematização e eventual tipificação da casa micaelense, admitindo a variedade de formas de habitação presentes da ilha.

A casa da Bretanha não deixa de ser um reflexo da tradição popular, mas afasta-se do padrão de casa micaelense pela sua forma, modo de apropriação do espaço e estratégias de implantação no lugar. Admite-se a tipologia da Bretanha como exceção arquitetónica em São Miguel pela sua forma original e pelo seu diálogo com o território e com o mar, nos quais encontrará a chave da sua causa e origem.

ABSTRACT

The place is the main responsible for most of the habitat phenomena. Based on this idea, the current thesis studies the place - São Miguel island - to better understand its people and its architecture.

Popular architecture, the focus of this study, is the crudest representation of the people's identity while it reflects the specificities of the place. The traditional popular azorean house appears in the insular scene as a part of its landscape and does not limit itself to a merely iconic function in the island's rural scene. It's also a carrier of an expressive identity of its own that this study means to emphasize. The tradition, which is not limited to a time interval and is still present in contemporary spaces, is the work's guide, once it's through it that the systematization of a kind of azorean house is made possible, considering the variety of dwelling forms present in the island.

The house of Bretanha does not cease to be a reflection of a popular tradition but moves away from the São Miguel house standard by its form, use of space and deployment strategies in the place. The typology of Bretanha is considered to be an exception of São Miguel's architecture for its original form and for the dialogue it makes with the territory and the sea, in which it will find the answers to its cause and origin.

RESUMO / ABSTRACT	
CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS	17
Objeto, objetivo(s) e metodologia	
01. O LUGAR	25
ILHA DE SÃO MIGUEL	
01.1 Enquadramento geográfico	
01.2 Caraterização	
01.3 Relação com o mar	
01.4 Estratégias de ocupação do espaço	
02. IDENTIDADE DE UM POVO	43
AÇORIANIDADE	
02.1 Chegar: o povoamento	
02.2 Ficar: a influência	
da terra	
do mar	
do céu	
02.3 Carácter e modo de vida	
03. IDENTIDADE ARQUITETÓNICA	62
A TRADIÇÃO DE CASA POPULAR	
03.1 Identidade	
03.2 Caracterização das casas	
na relação com a envolvente	
na organização interior	
no quintal	
03.3 A tradição na modernidade	
04. A TIPOLOGIA DA BRETANHA	85
UM CASO DE EXCEÇÃO	
04.1 Percurso pelo noroeste micalense: das Capelas à Bretanha	
04.2 O lugar da Bretanha	
04.3 Caracterização das casas	
na relação com a envolvente	
na organização interior	
no quintal	
04.4 Um caso de estudo	
04.5 A possível origem francesa	
04.6 A importância do lugar	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS	132
ANEXOS	138

CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS
OBJETO, OBJETIVO(S) E METODOLOGIA

Objeto, objetivo(s) e metodologia

Na Arquitetura, a casa representa o refúgio da vida privada e, como tal, designa o espaço do homem por excelência na mais crua representação da sua identidade - “É sobretudo na habitação que o Homem deve encontrar o «seu» espaço, o ambiente criado à escala das suas necessidades e possibilidades, quer como indivíduo, quer como elemento de um grupo social”¹. Nos Açores, a noção de “casa” está ainda profundamente associada ao significado de núcleo familiar, que é muito valorizado, como assistimos na crónica tardo-quinhentista de Gaspar Frutuoso², cujos conceitos norteadores parecem ser os de “família”, “geração” e “linhagem”³.

A arquitetura popular, não derivada de um planeamento arquitetónico, define-se como uma resposta rápida e intuitiva ao quotidiano e tem como protagonista o próprio utilizador, sem o arquiteto como intermediário. Reflete um saber cognitivo, que passa pelo “gosto”, numa posição mais primitiva e sem constrangimentos. A casa popular tem sido estudada, com maior ou menor intensidade, no continente português, mas no arquipélago açoriano esse debate é escasso. A ausência da história da arte até à atualidade e a incógnita dos primeiros povoadores em São Miguel, tornam a génese e percurso da sua arquitetura incertos - “a casa popular micaelense, a par de qualquer outra do país e da Europa, carecerá sempre de uma história completa e precisa”⁴.

Define-se como **objeto** do presente trabalho a arquitetura doméstica popular da ilha de São Miguel, com análise de um caso de estudo particular - a antiga freguesia da Bretanha, na costa noroeste da ilha, atualmente dividida em três freguesias - Pilar da Bretanha, Ajuda da Bretanha e Remédios.

É difícil traçar uma cultura e identificar origens numa ilha que acolheu povoadores de diferentes etnias em diferentes épocas e acolheu emigrantes e açorianos regressados após longos períodos no estrangeiro. Contudo, num arquipélago por si só excêntrico na heterogeneidade cultural que apresenta, a Bretanha é ainda merecedora de atenção pela sua singularidade, a vários níveis, e pela rutura que estabelece com uma possível tipificação da casa popular micaelense. A Bretanha revela-se um dos mais antigos mistérios etnográficos da ilha e, apesar da ausência de provas documentais, muitas teorias apontam uma origem francesa,

1 **Távora**, Fernando (2006). *Da Organização do Espaço*. pág. 56
2 **Frutuoso**, Gaspar (1522-1591). *Saudades da Terra*. Livros I ao XVI.
3 **Rodrigues**, José Damião (2003). *São Miguel no século XVIII. Casa, Elites e Poder. Volume 2*. pág. 541-543
4 **Almeida**, Rui Miguel Goulard (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 208

pela romântica associação entre o topónimo Bretanha e a região francesa do mesmo. É possível reconhecer aqui um sotaque micalense mais arrastado e acentuado nos *u*'s, adivinhar expressões francesas e admitir uma fisionomia particular nos mais antigos moradores desta zona. No entanto, é na invulgar volumetria das casas e na sua disposição no território, que a Bretanha se torna verdadeiramente interessante pelo seu carácter excecional, exibindo um modelo de casa que, apesar de partir dos mesmos princípios organizadores, em pouco se assemelha à casa popular micalense mais frequentemente encontrada.

“A arquitectura, na sua implantação e planimetria, em nada ajuda a esclarecer o assunto. Hoje, as casas populares da Bretanha apresentam uma geometria e uma planta em muito semelhantes às demais casas populares em São Miguel, mas o facto da sua empena estar virada para o caminho e de estarem disseminadas na paisagem, o que é diferente das restantes, confere-lhes curiosidade e mistério. Como as outras casas populares, o seu programa funcional é apenas habitacional, com forno, de um só piso e uso da ‘falsa’, sem quaisquer construções de trabalho, o que as integra no sistema latifundiário da ilha de São Miguel. Não sabemos se se trata de um problema apenas formal, ou antes, de uma questão cultural que as destaca do contexto global da ilha.”⁵

Contribuir para o estudo da arquitetura e da paisagem da ilha de São Miguel é o **objetivo** de fundo desta dissertação, pelo que se pretende resgatar a casa popular micalense da sua função meramente referencial e simbólica da paisagem rural da ilha. A arquitetura popular micalense é portadora de uma força expressiva própria e “não se reduz a um valor puramente icónico”⁶, estando intimamente relacionada com a identidade do seu povo, motivada pelas especificidades do lugar.

Embora admitindo a diversidade de formas arquitetónicas presentes na habitação popular micalense, pretende-se determinar as constantes identitárias que lhe conferem unidade. Com o lugar como pretexto, pretende-se desenvolver um pensamento tendente à reflexão acerca dos valores que definem a tradição de casa popular em São Miguel, identificar os diferentes modelos de habitação popular na ilha, estudar a Bretanha enquanto desviante tipológica da casa popular, e entender e justificar o surgimento desta arquitetura excecional no arquipélago.

5 Almeida, Rui Miguel Goulard (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 211

6 Albergaria, Isabel (2012). “*Arquitetura Regional*”. *Debates e Propostas em torno da Casa Açoriana na I República*. pág. 196

O **método** de investigação será estruturado no trabalho de campo, baseado em inquéritos, entrevistas e observação local, assim como na análise e articulação da informação, cartografia e dados obtidos a partir de pesquisa bibliográfica e arquivo.

Para compreender a habitação micalense é necessário compreender o lugar onde esta se insere. Neste sentido, será feito um enquadramento geográfico da ilha de São Miguel, uma caracterização da sua forma e do seu carácter mutável, um entendimento da sua relação paradoxal com o mar e as suas influências no território e na arquitetura e, por fim, um estudo que visa compreender as estratégias de ocupação do território e os tipos de aglomerados que aqui encontramos. Esta primeira fase de aproximação ao lugar pretende compreender e evidenciar a relação que a arquitetura estabelece com a paisagem - “a nossa ligação ao concreto, à paisagem natural e ao território, torna-se, assim, um elemento indispensável de identidade e de especificidade, onde a textura e os tons da arquitetura (tecido urbano e edifícios) definem um povo”⁷.

Para uma progressiva aproximação ao tema, será feita uma reflexão acerca da identidade do povo micalense que, ao chegar, aquando do povoamento do arquipélago, se estabelece na ilha com uma base multicultural. Ao ficar, é moldado pelas influências locais. As condicionantes do isolamento geográfico determinam a sua forma de se relacionar com a terra e a paisagem, a íntima e complexa relação que estabelece com o mar e o profundo sentimento religioso, aliado às ameaças do vulcanismo. Daqui importa retirar a identidade e o carácter muito particular de um povo, que estará refletido e impresso na sua arquitetura popular.

Numa terceira fase definimos uma tipologia de casa popular micalense segundo a identificação de formas de apropriação do espaço e de uma série de dispositivos programáticos originais que são comuns a toda a habitação micalense. Este pensamento será desenvolvido com base na bibliografia existente, ainda que escassa, mas sobretudo na observação e experimentação local, sempre sujeitas a uma posição pessoal subjetiva.

O caso de estudo da Bretanha será introduzido, por fim, como exceção tipológica da casa popular em São Miguel. Após uma reflexão acerca deste lugar, pretende-se dar a conhecer as casas da Bretanha e encontrar pontos de contato com a tipologia de casa tradicional, a partir do levantamento de casas-tipo e da sua observação. Para maior compreensão do objeto de estudo, será feita uma descrição de um percurso pela costa norte da ilha. Esta descrição pretende demonstrar as alterações do território e da arquitetura ao longo do percurso, à medida que se avança até à Bretanha. Em seguida, será esboçada a teoria da origem francesa da Bretanha e uma reflexão acerca da sua viabilidade.

7 Almeida, Rui Miguel Goulard (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 14

01.

O LUGAR

A ILHA DE SÃO MIGUEL

“Eu vos direi da ilha que na dorna
do Arcanjo é eterna em chão escasso.
Fulva de gado ao dia. À noite, morna.
Embebida no verde. E o mar colaço.”

Correia, Natalia. *A Ilha do Arcanjo* in «O dilúvio e a pomba».

01.1 Enquadramento geográfico

O arquipélago dos Açores situa-se em pleno Oceano Atlântico norte. A sua posição oceânica manifesta o forte isolamento geográfico da região, uma vez que se encontra a cerca de 1430 km do Continente Europeu e a cerca de 3900 km do Continente Americano. Com uma superfície total de 2334 km², os Açores correspondem a cerca de 2,6% do território nacional português.

A sua localização, sobre um complexo enquadramento geodinâmico, é responsável pelo frequente registo de atividades sismovulcânicas nas ilhas, bem como pela sua geomorfologia.

A Região Autónoma dos Açores é constituída por um conjunto de nove ilhas vulcânicas (e diversos ilhéus), reunidas nos grupos Oriental, Central e Ocidental. Ao grupo Oriental pertencem as ilhas de São Miguel e Santa Maria, ao grupo Central as ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial, e no grupo Ocidental situam-se a ilha das Flores e a ilha do Corvo.

A ilha de São Miguel é composta pelos concelhos de Lagoa, Ribeira Grande, Nordeste, Vila Franca do Campo, Povoação e Ponta Delgada. Situada neste último concelho, na região noroeste, num dos pontos mais altos da ilha, encontra-se a Bretanha (fig. 01.1). Por *Bretanha* consideramos as atualmente denominadas freguesias de Remédios, Ajuda da Bretanha e Pilar da Bretanha.



fig. 01.1
Mapa de localização da ilha de São Miguel no continente português.
Localização da Bretanha na ilha de São Miguel (atuais freguesias dos Remédios, Ajuda e Pilar).



01.2 Caracterização

Para a compreensão da arquitetura local é essencial compreender o território em que se insere, já que é este que determina a maioria dos fenómenos do seu habitat. Segundo Goulart de Almeida, “o uso e transformação expressa da paisagem natural e da criação de aglomerados determinam o domínio do homem sobre a terra”⁸.

A ilha de São Miguel, com uma área total de 746,86 km2, constitui a unidade mais complexa e diversificada do arquipélago, quer pela riqueza dos relevos que contém, quer pelos diferentes tipos de ocupação que alberga, visíveis nas formas agrárias e na estrutura dos seus povoados.

Como ilha, representa o território perfeito, onde a definição dos limites e formas são, à partida, conhecidos e imutáveis. Apresenta uma forma alongada, no sentido leste-oeste e “duas áreas montanhosas de tamanho desigual, ligadas entre si por uma plataforma baixa, crivada de pequenos picos”⁹ (fig. 01.2). No entanto, o espaço que compõe o arquipélago, e em particular a ilha de São Miguel, “a ilha mais fustigada”¹⁰, resulta de inúmeras ações vulcânicas ao longo dos anos.

A natureza em São Miguel tem uma forte capacidade própria de mutação da sua paisagem natural, nomeadamente através dos sismos e, em especial, das erupções vulcânicas. O friso cronológico (ver anexo 02) relata as principais ameaças sismovulcânicas que, desde o início do povoamento no século XV até ao século XIX, foram moldando e transformando o território.

“A ilha treme muito e com frequência, e explode violentamente. O homem ergue reergue o seu habitat, que a natureza destrói, e passa por horrores indescritíveis. Nunca se habituando à ira da natureza, os açorianos em geral, e o micalense em particular, convivem o melhor que podem com uma paisagem que não oferece certezas”¹¹

Hoje, antigas crateras deram origem a inúmeras lagoas como as Sete Cidades, Lagoa do Fogo e Furnas ou abriram-se para o mar como é o caso do Ilhéu de Vila Franca do Campo e da profunda depressão da Povoação, resultante da degradação da antiga caldeira. As

8 Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 15
9 Brito, Raquel Soeiro de (1950). *São Miguel - a ilha verde: estudo geográfico*
10 Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 128
11 Idem. Ibidem, pág. 137

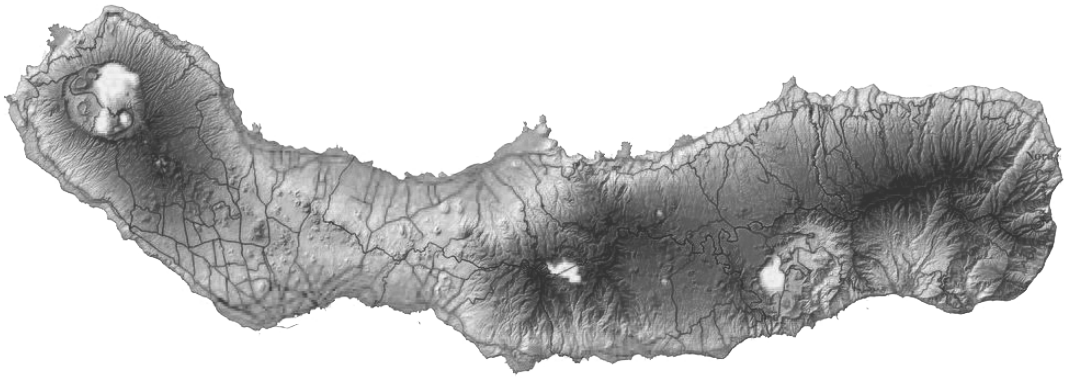


fig. 01.2
Mapa do território e relevo de São Miguel

encostas, desde o litoral até às cumeadas centrais, atingem inclinações mais acentuadas nas zonas dos maciços montanhosos de nascente e poente, onde o perfil da ilha se apresenta sob a forma triangular, ou pentagonal quando existem arribas pronunciadas. Nos troços entre a Bretanha e as Capelas, e Maia e Nordeste, na costa norte, ou entre os Ginetes e as Feteiras, na costa sul, predominam as características grotas, rasgadas pela água na sua rápida descida até ao mar, deixando a descoberto o manto de lava basáltica solidificada que se transforma muitas vezes em leitos de cursos de águas. Na linha de costa, o recorte irregular das formações rochosas é interrompido por praias de areia escura.

O clima marítimo que se faz sentir é temperado, extremamente húmido e caracteriza-se pela presença irregular de chuva durante todo o ano. Apesar da grande variedade de condições climatéricas em curtos espaços de tempo e da passagem regular de tempestades e furacões, o clima é propício a atividades agrícolas ou de cultivo, devendo-se a ele a enorme fertilidade dos solos e a forte vegetação das ilhas.

São Miguel é a maior e mais populosa ilha do arquipélago e é a combinação dos elementos naturais e humanos que confere à paisagem da ilha uma marca indelével. O aproveitamento dos recursos naturais produz interessantes testemunhos culturais, quer na forma de cultivar a terra, desenhar os campos ou traçar os caminhos, quer na implantação dos povoados, na construção das edificações ou na plantação dos jardins. O património cultural existente surge, portanto, associado ao trabalho secular da mão do Homem no seu esforço continuado de transformar a natureza em seu benefício. Neste sentido, os aglomerados, grandes e pequenos, possuem duas características locais muito próprias: a harmonia com a paisagem e a relação com o mar ou com as lagoas (fig. 01.3).



01.3 Relação com o mar

Com uma delimitação perfeita, a ilha conhece o seu contorno, e as suas fronteiras são determinadas, com rigor, pelo mar. No entanto, para além da constante modificação do território promovida pelas ações sismovulcânicas, a distinção entre as duas fronteiras - terra e mar - nem sempre é clara.

“Provando que o mar apenas esconde a continuidade terrestre, as ilhas e os ilhéus que surgiram ao longo do tempo em redor de São Miguel não só confirmam a sua origem vulcânica como demonstram a vitalidade e capacidade de transformar, de vez em quando, mesmo que apenas por algum tempo, a imagem do mar e da terra.”¹²

Com efeito, as questões de fronteira, delimitação e continuidade, promovem uma interessante reflexão acerca da diferença e da união entre estas duas entidades inseparáveis. O mar é frequentemente considerado continuação terrestre e elemento ativo da urbanidade - um “espaço aquático no próprio contexto de urbanidade”¹³ - e é, ainda, signo identitário da paisagem micaelense, já que é o mar que delimita o território enquanto deixa diferentes impressões em cada parte da ilha.

Neste sentido, o mar é um dos principais elementos, se não o principal, capaz de responder a uma série de condicionantes com ramificações em todo o território, nomeadamente a do tipo de implantação dos povoados e as relações que estes estabelecem entre si.

Como ilha, São Miguel depende intrinsecamente do mar e dele colhe frutos mas, um mar quase sempre bravo (em particular o mar do norte), que fustiga e corrói a costa ao longo do tempo, desencadeia uma relação dicotómica com o território: “É nessa relação dicotómica que a fronteira entre o mar, omnipresente, onnipotente e difícil, e a terra, muito fértil, se perfaz em São Miguel, definindo uma vivência especial entre ambos.”¹⁴. Esta relação traduz-se numa fronteira incerta e com uma interessante dimensão, a cultural. No mar encontramos não só características que influenciam fenómenos territoriais de implantação mas, ainda, características que influenciam a vida micaelense.



fig. 01.4

12 Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 18
13 Ferreira, Vitor Matias (1999) *Cidades de Água, Mar Urbano*. pág. 374
14 Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 261

01.4 Estratégias de ocupação do espaço

São Miguel é a ilha que apresenta maior número de povoados, maior hierarquização entre eles e maior tendência para a formação de agregados do tipo urbano.

A ocupação do espaço com vista ao povoamento ter-se-à iniciado após autorização do Infante D. Henrique em 1439. Verificam-se algumas linhas de força do povoamento em São Miguel, já desde o século XV. Deparamo-nos com um crescimento linear ao longo da costa sul, que se terá iniciado na **Povoação Velha** (atual Povoação), a primeira área de fixação na ilha de São Miguel, encontrando-se implantada entre “duas ribeiras de claras, doces e frias águas, entre rochas e terras altas, todas cobertas de alto e espesso arvoredado”¹⁵. Trata-se da zona litoral mais próxima de Santa Maria, garantindo a proteção da única ilha até então povoada.

A estrutura básica da povoação consiste num arruamento principal e noutro secundário que se desenvolvem lado a lado, acompanhando a ribeira e fazendo a ligação com outros núcleos povoados.

No entanto, depressa se terão apercebido das dificuldades de ligação, tanto para o litoral, como para a costa, e da Povoação houve uma deslocalização para **Vila Franca do Campo**, que atingiu grande desenvolvimento e importância no século XVI - “alguns anos depois do descobrimento e povoação desta ilha, era somente Vila Franca do Campo e a cabeça de toda ela, sem haver outra senão alguns lugares com as suas aldeias”¹⁶.

A erupção de 1522 terá causado danos irreparáveis a Vila Franca do Campo e, em 1546, é **Ponta Delgada** que assume o estatuto de cidade. Apesar de não possuir as mesmas condições de enseada e de mar que Vila Franca do Campo, Ponta Delgada está situada no centro da melhor área agrícola da ilha. Desenvolve-se segundo a dualidade social entre a poderosa classe de terranenses e mercadores que exploram a dimensão do comércio europeu. O espaço urbano de Ponta Delgada reflete, ainda hoje, essa dualidade, estando a sua estrutura emaranhada numa malha rural rígida e organizada, de marcada orientação norte-sul¹⁷, e parte significativa da construção dilui-se nesse sistema agrário. A própria malha urbana da cidade de Ponta Delgada, considerada a “capital” do arquipélago, possui características ruralizantes, como a proporção dos quarteirões, muito alongada, e está subordinada à divisão das terras e não aos valores da circulação.

Para além dos principais núcleos populacionais, verifica-se que o assentamento dos povoados se faz sempre na proximidade do mar, junto à orla costeira, pela possibilidade de

15 Frutuoso, Gaspar (1522-1591). *Saudades da Terra*. Livro IV
16 Idem. Ibidem.
17 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. pág. 98



fig. 01.5
Transferência dos principais lugares de povoação ao longo dos anos (de este para oeste):
Povoação Velha, Vila Franca do Campo e Ponta Delgada.



fig. 01.6
Distribuição da população junto ao litoral no final do século XV
(segundo indicações de Gaspar Frutuoso).

comunicação com o exterior e prática de atividades piscatórias. Neste sentido, a ocupação humana efetua-se desde muito cedo cingida ao litoral, escolhendo com frequência as linhas de fecho das encostas e colinas onde cria plataformas cultivadas e construídas¹⁸. O desenvolvimento dos núcleos faz-se, portanto, maioritariamente ao longo da coroa do litoral, ou junto às lagoas, em zonas como as Furnas ou as Sete Cidades¹⁹ que, apesar de afastadas da costa, encontram muita humidade e precipitação, exibindo terrenos muito férteis, ideais para a prática da agricultura. Na maior parte dos casos, as casas estão voltadas para o mar mas, há no entanto, casos em que se nota a tendência de virar as casas para o interior, “para o universo campesino, recusando o mar”²⁰, mesmo que a povoação se implante na própria falésia, como acontece na Relva, a sul, e nas Calhetas, a norte (fig 01.7).

O povoamento em São Miguel denota, geralmente, uma malha relativamente densa e ramificações pouco importantes ou inexistentes. O relevo propicia a inúmeras ramificações, a partir da linha de força principal da povoação, chegando por vezes a um emaranhado de arruamentos em que a hierarquia se dilui, como é o caso da Bretanha e das Lombas do Nordeste²¹.

São Miguel é uma ilha com uma morfologia bastante heterogénea e, de facto, encontramos grandes variações no seu relevo. É frequente dividir a ilha em três grandes partes: oriental, central e oriental.

“As três grandes zonas geográficas que constituem São Miguel - ocidental, central e oriental -, bem distintas na sua morfologia, também deixam paten-tear essa diferença no tipo de povoamento e agregado rural (conjunto de construções habitacionais e de apoio à vida rural de uma mesma família), bem como nos próprios modelos da habitação e das respectivas construções de apoio.”²²

A zona oriental - referida popularmente como *o outro lado da ilha* - corresponde a uma área pouco povoada, pelo relevo que apresenta e por se encontrar tão afastada dos principais centros urbanos. Aqui assiste-se a uma paisagem agreste e contrastante e ocorrem situações de casas isoladas em agregados dispersos e casas encostadas de empena-a-empena, definin-do-se como uma área mista.

A zona central de São Miguel fornece a morfologia mais plana e harmoniosa da ilha e, como tal, corresponde à parte mais povoada. A esta zona principal corresponde um tipo



fig. 01.7

18 Caldas, João - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*.
19 Santos, João Marinho dos. *Os Açores nos sécs. XV e XVII*. Volume 1, pág. 75
20 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. pág. 91
21 Idem. Ibidem, pág. 118
22 Idem. Ibidem.

de agregado mais compacto, com ocupação de lote-a-lote, as casas encostadas empena-a-em-pena. A fixação continua a fazer-se na faixa da orla costeira, com marcada diferença entre a costa sul e a costa norte.

A zona ocidental, que constitui o Noroeste micalense e comporta a Bretanha, apresenta um terceiro cenário, no que se refere à morfologia costeira. O território é elevado e acidentado, pelo que se assiste a uma ocupação quase exclusiva por “casas de pequenas dimensões, isoladas mas próximas, incluídas num tipo de agregado disperso em seu redor”²³. (fig. 01.8).



36 fig. 01.8

23 Idem. Ibidem.

02.

IDENTIDADE DE UM POVO
AÇORIANIDADE

“Açorianidade é a alma que se transporta quando se emigra, como também aquilo que de cada um de nós se espera quando nós vivemos fora.”

Pires, António M. B. Machado (1955). *O Homem Açoriano e a Açorianidade*.

02.1 Chegar: o povoamento

“Açorianidade” é um termo inventado por Vitorino Nemésio em 1932, num ensaio onde procura exprimir a alma do açoriano, a propósito da sua experiência afetiva afastado da ilha. O termo que começa por ser um conceito de experiência pessoal, lírica e poética, propaga-se rapidamente a outras dimensões, em particular na utilização antropológica. Devido às peculiares características da insularidade açoriana, emergiu a necessidade de se criar uma designação para esta afinidade identitária da população.

Arruda Furtado afirma que “a ciência moderna reconhece como fatores da constituição mental dum povo o seu passado e o meio em que ele vive e desenvolve as suas ideias”²⁴. Neste sentido, parece-nos pertinente analisar a proveniência desta população e como esta se modifica segundo as condicionantes do lugar, numa tentativa de determinar a identidade deste povo, em que consiste a *açorianidade*.

Segundo Carreiro da Costa²⁵, a maior incógnita acerca dos Açores é a sua origem, de onde vieram os seus povoadores e como se formou a grei açoriana. De facto, o próprio conhecimento da descoberta das ilhas dos Açores constitui por si só um dos problemas mais controversos da história das navegações portuguesas e suscita ainda hoje muitas divergências, em grande parte resultante da escassez de documentação e da imprecisão de dados cartográficos. Pensa-se que a descoberta do arquipélago date da segunda metade do século XIV ou da primeira metade do século XV²⁶, no entanto, o primeiro documento oficial que se conhece acerca dos Açores é a carta régia datada de 2 de Julho de 1439²⁷, onde é dada a licença para o

24 Furtado, Francisco de Arruda (1884). *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*.
25 Costa, Carreiro da (1989). *Etnologia dos Açores*. Volume 1, pág. 361
26 Acerca da descoberta dos Açores, deparamo-nos com teses que defendem uma de duas teorias:
- A teoria de que a revelação geográfica do arquipélago terá ocorrido na segunda metade do século XIV, no reinado de D. Afonso V, fundamentada na existência de vários mapas onde, a partir de 1351, aparecem desenhadas várias ilhas que muitos investigadores identificam como algumas dos Açores, quer pela sua situação geográfica, quer pela toponímia representada.
- A teoria que data o descobrimento na primeira metade do século XV por parte dos marinheiros do Infante D. Henrique, nomeadamente Gonçalo Velho Cabral que, em 1432, chegou a Santa Maria e depois a São Miguel (catorze anos depois, em 1444,) com fundamento baseado nos relatos do cronista Gaspar Frutuoso.
27 “Dom Afonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber, que o Infante Dom Henrique meu tio nos enviou dizer q el mandara lançar ovelhas nas sete Ilhas dos Açores, e que se nos aprouguese que as mandaria pobrar. E porq a nos dello praz lhe damos lugar e licença q as mande pobrar. E porem mandamos aos nosos veedores da fazenda corregedores juizes e justiça e a outros quaaesquer q esto ouvem de veer que lhas leixe mandar pobrar e lhe nom ponham sobre ello embargo. E al nom façades. Dada em cidade de Lisboa doos dias de Julho. EI-Rey o mandou com autoridade da Sra. rainha sua madre como sua tutor e curador que he com acordo do Infante do Infante (sic) Dom Pedro seu tio defensor por el dos ditos regnos e senhorio. Paay Roiz a fez screpver e ssoscrepveo per sua mão. Anno do nascimento de nosso Senhor Jhu Christo de mil e iiii xxxix.”



42 fig. 02.1

povoamento das ilhas. Independentemente da capacidade argumentativa das várias fontes - cujo aprofundamento e discussão não se revela prioritária para o presente estudo - tomámos como referência a data de 1439.

Embora muito se tenha escrito sobre o povoamento dos Açores, persistem ainda pontos obscuros que a investigação histórica não conseguiu clarificar. No entanto, sabe-se que a primeira ilha a ser povoada foi Santa Maria e, quando as condições de cultivo se revelaram promissoras, houve uma transferência de Santa Maria para São Miguel e um crescente desinteresse pela primeira ilha.

Segundo Frutuoso²⁸, é possível determinar três principais zonas de proveniência dos colonos que se fixaram nos Açores: do continente português, do arquipélago da Madeira e de países estrangeiros.

Do continente português, a parte sul (Algarve e Alentejo) terá fornecido o maior contingente mas, até finais do século XVI, o centro e o norte não deixam de estar representados. Contrariamente ao que se verifica em Santa Maria, a participação do norte de Portugal no povoamento de São Miguel mostra-se considerável. Da leitura dos diversos trabalhos publicados sobre o povoamento dos Açores, conclui-se que Santa Maria terá sido povoada predominantemente por provenientes da Estremadura, Alto Alentejo e Madeira. Do estrangeiro terão ainda participado norte-americanos, espanhóis, flamengos, bretões, ingleses, irlandeses e italianos que, com alguma frequência, se radicam em São Miguel e nas restantes ilhas²⁹.

Referindo-se à população micaelense, Arruda Furtado apercebe-se de uma grande variedade de origens antropológicas e étnicas. Afirma não ser fácil “achar uma origem predominante no meio d’esta diversidade de typo fisionómico, de costumes, de pronúncia, de intonação de voz, que há de freguesia para freguesia”³⁰.

Em São Miguel encontram-se, de facto, inúmeros indícios da presença de etnias de várias proveniências. Estes indícios estão presentes, por exemplo, na **fisionomia** dos micaelenses, que em muitos aspetos varia da dos continentais³¹, no seu curioso **sotaque**, largamente estudado pela presença de características linguísticas próprias de certas regiões da Beira Baixa, Estremadura, Alentejo e Algarve, como o falar arrastado (“falar meridional”), pela presença fonética do *u* francês muito acentuado³², e ainda na sua **arquitetura**, que admite variadas influências.

“Em S.Miguel encontram-se ainda muitos traços do Sul, mas encontram-se de preferência traços do Centro. O aspecto das povoações recorda a Estremadura. Certos pormenores da arquitectura interior das casas lembram o Alentejo. Alguma coisa, na construção das casas e no arranjo dos campos, anuncia já o Noroeste...”³³

Sobre São Miguel, Frutuoso refere ainda o interesse no arquipélago por parte de diferentes estratos sociais, tendo-se verificado, no início, o povoamento de africanos ou “mouriscos” e de reinóis³⁴, motivados pela oportunidade de enriquecimento devido à fertilidade dos solos açorianos e pela oportunidade de uma sociedade mais tolerante, possível pelo isolamento geográfico das ilhas.

No século XVI a população de São Miguel contabiliza cerca de 65 000 habitantes e, durante os séculos XVI e XVII, a ilha é vítima de ataques de corsários franceses, ingleses e argenos. O século XVII terá ainda correspondido a uma certa estagnação e quase abandono das ilhas a favor do Brasil e da Índia – “a emigração é, desde cedo, um factor fundamental da vida do arquipélago e sempre significativo em São Miguel”³⁵.

“(…) característica importante: a extraordinária mobilidade da população açorense durante o período considerado. Com frequência, um indivíduo nascia num determinado lugar, casava num outro que, por vezes, nem sequer se situava na mesma ilha e ia morrer a um outro bastante distante (Reino, Índias, Brasil,...)”³⁶

O século seguinte assiste a um florescimento económico, possível pela caça à baleia e apogeu do comércio da laranja, situação que se prolonga até ao século XIX, com o correspondente aumento da população até 130 000 habitantes em 1900.

De facto, a história das ilhas açorianas perde-se num passado incerto de dúvidas e lendas, mas “a história do homem açoriano começa nos meados do século XV”³⁷ com o início do povoamento. Esboçamos um pré-açoriano, que chega à ilha oriundo de inúmeras regiões e que, para além da diversidade cultural, vai estabelecer laços muito fortes com o lugar - “mais funda parece ser a sedimentação de modos de ser e a coesão afectiva em relação à região”³⁸.

28 **Frutuoso**, Gaspar (1522-1591) *Saudades da Terra*. Livro XVI
29 **Santos**, João Marinho dos. *Os Açores nos sécs. XV e XVII*. Volume 1, pág. 135
30 **Arruda**, Furtado (1884) *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*. pág. 63
31 Como demonstrado nos capítulos V e VI de **Arruda**, Furtado (1884) *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*.
32 **Santos**, João Marinho dos. *Os Açores nos sécs. XV e XVII*. Volume 1, pág. 133

33 **Ribeiro**, Orlando (1962). *Aspectos e problemas da Expansão Portuguesa*. pág. 24
34 **Frutuoso**, Gaspar (1522-1591) *Saudades da Terra*. Livro IV
35 **Caldas**, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*, pág. 88
36 **Santos**, João Marinho dos. *Os Açores nos sécs. XV e XVII*. Volume 1, pág. 96
37 **Pires**, António M. B. Machado (1995). *O Homem Açoriano e a Açorianidade*.
38 Idem. *Ibidem*, pág. 14

02.2 Ficar: a influência da terra

Os Açores, apesar da sua posição geográfica periférica e isolada do continente português, apresentam traços nítidos da cultura portuguesa, visíveis por exemplo na arquitetura. Segundo vimos, o arquipélago acolheu povoadores de diferentes etnias, recebeu emigrantes estrangeiros ao longo do tempo e emigrantes açorianos que regressaram, o que torna este espaço geográfico muito particular pela identificação de um cruzamento de influências culturais. Mas, associadas a esta base cultural, estão ainda presentes outras condicionantes que atribuem uma singularidade própria ao açoriano, sendo este fortemente influenciado pelo clima, pela relação particular que estabelece com o mar e com a terra, e pelas ameaças sísmicas e vulcânicas que enfrenta.

A instabilidade atmosférica que se faz sentir nos Açores, marcada por um clima de elevada humidade relativa e chuvas constantes, dá lugar a um ambiente muito característico. A constante neblina que se sente nestas “ilhas de bruma”³⁹ motiva uma vivência particular de um povo que procura no espaço doméstico o valor do abrigo e do conforto.

Para o ilhéu, a insularidade é muito caracterizada pelo contraste que reside entre o inevitável isolamento e a possibilidade de contato com o resto do mundo. O açoriano anseia libertação enquanto ama a ilha, vive a angústia entre o ficar, o ir e o regressar. Apesar de se tratarem de pequenas ilhas isoladas no Oceano Atlântico, é curiosa a mentalidade açoriana, expressa nesta citação de Nemésio - “nós não temos medo que o mar nos alague ou de que a terra nos falte: - temos sempre presente, como salutar advertência, a sensação de que o Mundo é curto, e o tempo mais curto ainda”⁴⁰ - talvez justificada pela assimilação de diferentes culturas. Este fenómeno é conseguido não só pela receção insular de emigrantes, como pela situação geográfica em que se encontra, que isola a ilha do resto do país e lhe confere proximidade com outros – o açoriano adapta-se e anseia crescimento. Tem um espírito maior do que a sua geografia, em permanente busca de novos horizontes, e a cultura tão própria desta região expande-se sempre que ele se desloca geograficamente.

É condição inevitável do açoriano a sua relação com a terra e a paisagem. Nos Açores, a terra é largamente aproveitada para a agricultura e é simultaneamente tida como sagrada. O seu respeito é visível tanto na implantação arquitetónica e urbanística nas ilhas, como na limpeza e virgindade mantidas nas suas paisagens. Sociólogos atribuem este facto ao vulcanismo e sismicidade presentes desde muito cedo na vida insular açoriana. As dificuldades naturais são os seus motivos de angústia e insegurança, com repercussões psicológicas próprias. Por este motivo, São Miguel, a ilha dos Açores com maior atividade sísmica registada, mostra-se a ilha mais religiosa e temente a Deus.

39 Nome da famosa canção açoriana que constitui o hino não constitucional açoriano, da autoria de Manuel Medeiros Fonseca.

40 Nemésio, Vitorino (1956) *Corsário das Ilhas*, pág. 46



46 fig. 02.2

do mar

O mar é também em si um paradoxo, já que corresponde ao elemento separador das ilhas e é visto como aprisionador do arquipélago, mas é, ainda, tido como seu protetor. O açoriano estabelece uma relação muito afetiva e íntima com o oceano – “Em primeiro lugar o apego à terra, este amor elementar que não conhece razões mas impulsos; e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar”⁴¹. Para ele, não são as ilhas que definem a insularidade, mas sim o mar - As ilhas são o efêmero e o contingente, só o mar é eterno e necessário. Segundo Nemésio, o açoriano denota uma vontade de harmonia com o mar que o circunda, “uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, no mar”⁴². Segundo João Marinho dos Santos, o mar é, desde sempre, um elemento participante, constante e ativo na vida dos açorianos, pelo que é tema de escrita para inúmeros autores açorianos, como refere Luis Bernardo Leite de Ataíde:

“(…) Para esse mar que em antigos tempos foi um estímulo ao espírito aventureiro dos nossos antepassados, (…) para esse oceano que nos liga ao mundo e à civilização e que carinhosamente nos protege e deleita vai o que de mais belamente afectivo possui o coração açoriano. No mar se sacia a vista de extensão de longe e de grandeza, nele se expande e vivifica a alma oprimida pelas acanhadas perspectivas terrestres, dele dimana ainda todo o valor e todo o sentimento da nossa afixagem e toda a poesia dos nossos campos de expressão acentuadamente melancólica.”⁴³

Esta tão forte relação do açoriano com o mar que se descreve, é ainda fonte de inspiração poética para inúmeros autores, como é o caso poeta do micaelense Antero de Quental:

“Ali, onde o mar quebra, num cachão
Rugidor e monótono, e os ventos
erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se há-de enterrar meu coração.

(…)

41 Nemésio, Vitorino (1932) *Açorianidade in: Insula*.
42 Idem. Ibidem.
43 Ataíde, Luis Bernardo Leite de (1975). *Etnografia. Arte e Vida Antiga dos Açores*. Volume IV, pág. 145 e 145



48 fig. 02.3

Com suas lutas, seu cansado anseio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
Desse infecundo, desse amargo mar!”⁴⁴

do céu

“Com os tremores de terra e as manifestações vulcânicas na serra do vulcão ainda activas, sete dias depois, o pico do sapateiro começou a arder e a deitar terra e pedras bastante grandes, levando a população a sentir pavor em encontrar justificação para tamanhos fenómenos. A densa nuvem de poeiras e cinzas, que surgiu neste período, demorou um mês a dissipar-se, permanecendo o Sol encoberto, sem dar claridade suficiente, dificultando a visão e a respiração da população. No mar também eram visíveis sinais desta tragédia, onde pedras-pomes e troncos de árvores flutuavam ao longo da costa, impedindo os barcos de se aproximarem da terra. As pessoas, para fugirem desta catástrofe, refugiaram-se em Ponta Delgada, onde estes fenómenos, nomeadamente na zona poente, não se fizeram sentir com tanta intensidade. (...) Daqui se moldou o carácter de um povo ligado à religiosidade, que num primeiro contacto nos aparece mais reservado, mas que com a vivência se torna colaborante e um verdadeiro amigo. Muito trabalhador, persistente, que conseguiu, ao longo do tempo, desenvolver esta ilha, tornando-a atractiva, não só pelas suas belezas naturais, mas também pela forma como recebe os visitantes e pelo modo harmonioso como conjuga o crescimento económico com a apropriação do espaço físico.”⁴⁵

A religião popular torna-se o reflexo nítido do viver açoriano, moldado essencialmente por consequências climáticas, em particular na ilha de São Miguel. Os primeiros povoadores refugiam-se na religião para enfrentar a imponente ameaça do vulcanismo. Esta religião tão acentuada, mais do que em qualquer região do continente português, expressa-se em vários registos. A religião serve de sublimação para o sofrimento e de exaltação dos primeiros momentos de alegria.

Deste modo, todo o território insular é marcado por uma adoração religiosa intensa – “A ideia que o ilhéu tem de Deus é uma ideia positiva, indiscutível, eterna. Podem dizer o que quiserem para lhe provar o contrário, não chegarão a convencê-lo”⁴⁶. Esta adoração está expressa em edifícios religiosos, como nas Igrejas e nos Impérios, em rituais, como as Festas do Espírito Santo, e na própria organização do território que é feita em freguesias (no sentido de paróquias), não existindo a designação de aldeia.

45 **Cabral**, Conceição e **Melo**, Maria Orísia (2010). *Açores. Quem Somos, Porque Somos*. pág. 38
46 **Baptista**, António (1903) *Album Açoriano*. pág. 32



fig. 02.4



fig. 02.5

As festas do Espírito Santo são a mais forte manifestação do sentimento religioso do povo micalense, que “estão aqui ainda em todo o seu esplendor, quando no continente estão quase de todo esquecidas”, sendo o principal incentivo para a estética popular, “nas danças e cantares, nos enfeites dos quartos e dos trajas”⁴⁷.

No entanto, apesar do ímpeto eufórico das comemorações do Espírito Santo, o fenómeno religioso no arquipélago fundamenta-se, essencialmente, na superstição e no medo, perante a iminência dos sismos, das intempéries e outras calamidades frequentes. A liturgia da penitência é uma das constantes no quotidiano público e privado. Impera o temor que se traduz no emprego da palavra castigo, “o conceito de divindade vingativa”, observa Luis Ribeiro, “predomina sobre o de Deus misericordioso, caridade e amor”. Inspirado na Contra Reforma, e em oposição às festas do Espírito Santo, existe ainda hoje em São Miguel o culto do Santo Cristo como marca identitária da açorianidade.

Como expressão religiosa do povo micalense, é fundamental referir as Romarias (fig.02.4 e fig. 02.5), uma das mais antigas tradições oriundas da ilha de São Miguel, que se pensa remontar do século XVI.

“Durante a quaresma, juntam-se os grupos de 30 a 80 homens que vão em romaria a todas as ermidas e igrejas da Virgem que há na ilha. Vão a pé, de lenços amarrados à cabeça, entoando ave-marias em tom de penitência, elegendo cada grupo o seu chefe que dirige as cerimónias de visita.”⁴⁸

A afirmação da religiosidade nos Açores é, de facto, fundamental na cultura e expressão do seu povo. No que se refere à arquitetura, encontra-se aqui um tipo muito próprio de edificação religiosa que é original destas ilhas: os Impérios. São o principal paradigma da arquitetura popular açoriana, tratando-se de pequenas edificações cuja tipologia varia de ilha para ilha, apesar de cumprirem as mesmas funções, e ressaltam pela sua exuberância formal e decorativa. Os Impérios definem-se como pequenos templos de adoração ao Dívino Espírito Santo, alguns assemelham-se a pequenas ermidas, mais frequentemente encontrados nas freguesias rurais. A composição das suas fachadas tem influência de arquitetura religiosa, mas populariza a linguagem erudita, criando modelos muito trabalhados, com frontão, coroa e outros elementos simbólicos.

47 Arruda, Furtado (1884). *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micalense*.

48 Idem. *Ibidem*.

02.3 Carácter e modo de vida

O naturalista micaelense Arruda Furtado, já referido anteriormente, aborda, pela primeira vez em 1884, o problema da especificidade açoriana do ponto de vista antropológico. Segundo afirma, o homem açoriano está etnologicamente diferenciado, construído a partir de populações oriundas de diferentes regiões do continente e do estrangeiro e, “diferindo entre si os habitantes da província de Portugal”, os Açores apresentam também “diferenças semelhantes entre as suas diversas ilhas”⁴⁹.

Neste sentido, Vitorino Nemésio admite não existir apenas um tipo de açoriano, “mas sim dois ou três tipos bastante diferentes uns dos outros”⁵⁰ e distingue, deste modo, dois tipos principais, representados pelo “micaelense” e pelo “homem das Ilhas de Baixo”, englobando este último o terceirense, o graciosense e o picuense. Para Nemésio, a gente de São Miguel é “gente desempenhada, arguta, inquebrantável, cheia de avidez, é certo, que as labutas das feitoras lhe inquinava no ânimo, mas não destituída do rasgo que dá às nações um corpo e um pensamento”⁵¹.

Nemésio insiste na geografia e no clima como fatores preponderantes que moldam o carácter do povo das ilhas e afirma: “Como homens estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que penetra. A geografia para nós, vale tanto como a história.”⁵². Ao confirmar que para os açorianos a geografia é tao importante como a sua história, expressa, de forma sucinta, uma intuição profunda que domina desde muito cedo a sua compreensão da realidade açoriana. Luis Ribeiro amplia este conceito de Vitorino Nemésio e procura relacionar as influências do meio insular e das condições climáticas no comportamento dos ilhéus. Assim, confere ao vulcanismo e às intempéries climáticas a religiosidade do povo das ilhas. Ao isolamento, atribui o temperamento açoriano, ao seu forte apego à terra, o saudosismo e o carácter servil e humilde.

É indiscutível o papel que a geografia desempenha na formação do carácter do povo e seu modo de vida. Para Nemésio, “ser açoriano é ser embarcadiço”⁵³ devido ao isolamento e à emigração que perfazem uma cultura marcada por conceitos como *viagem*, *saudade*, *afastamento*, *partida*⁵⁴. Ainda o isolamento é responsável por fixar hábitos e incentivar o apego às tradições e costumes.

49 **Arruda**, Furtado (1884) *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*.
pág. 23
50 **Nemésio**, Vitorino (1932) in *Sob os Signos de Agora*. pág. 127
51 Idem. Ibidem, pág. 116
52 Idem. Ibidem.
53 Idem (1956). *Corsário das Ilhas*.
54 **Pires**, António M. B. Machado (1978). *Emigração, Cultura e Modo de Ser Açoriano*. pág. 12

Em São Miguel, o quotidiano é marcado pela repetição de atividades semanais (como a missa de Domingo) e encontros com os mesmos indivíduos. No entanto, é cortêz e educado - “os micaelenses não são entranhadamente vingativos nem intrigantes; eles são francos muitas vezes, ainda que duma rude franqueza; os das aldeias são excessivamente cortezes mas, como já dissemos, muito manhosos e desconfiados”⁵⁵ - e apresentam um carácter servil e humilde. Tratando-se, portanto, de um meio pequeno, os conflitos são personalizados, exprimindo-se diariamente na coscuvilhice, que se reflete diretamente na arquitetura doméstica. O peso das normas sociais e a pressão do grupo sobre o indivíduo são predominantes e, por este motivo, o micaelense apresenta-se muito hospitaleiro por índole e tradição, sendo provavelmente esta a sua principal característica.

O micaelense apresenta um forte sentimento de apego à família nuclear e mostra-se simultaneamente jovial e pesaroso. Apresenta a mesma vitalidade do algarvio mas é melancólico - “no que se reporta aos aspectos temperamentais, o ar triste, fechado e soturno, indicativo de um certo acanhamento, próprio do micalense e mais próximo do que se nota como proverbial no alentejano, contrasta de maneira notória, com a vivacidade comunicativa e locaz do algarvio.”⁵⁶. Inúmeros autores defendem a influência do mar na moral do homem micaelense, por provocar sentimentos de saudosismo e melancolia. A sua contemplação torna o ilhéu pensativo, entristece-o e abate-o pela monotonia. O ritmo cadenciado das ondas reflete o seu caminhar lento, fala arrastada e cantada, o que, acentuado pelo nevoeiro e humidade do ar, determina a indolência peculiar deste povo.

O carácter e modo de vida de um povo está representado, inevitavelmente, na sua arquitetura popular:

“Uma primeira condição, essencial da vida açoriana, bem expressa nos factos, nas coisas e nas pessoas, (...): é que nos Açores as apparencias nao enganam. O que se vê é o que é. (...) As frontarias das casas correspondem invariavelmente, ao semblante dos individuos. E como os individuos são, em geral, d’uma jovialidade, as casas são, casi todas caiadas de branco, ou cor de rosa. Tudo quanto se passa na alma de um açoriano se lhe lê nos olhos, como tudo quanto se passa em sua casa se pode ver pelas janelas. Elle nem conhece dissimulações, nem gosta de cortinas. E tanto arregala os olhos para que a verdade passe por elles, como escancara as vidraças para que o sol entre por ellas. Ao character do ilhéu açoriano corresponde, com muita exactidão, o estylo da sua própria architectura, muito regular e muito simples.”⁵⁷

55 **Arruda**, Furtado (1884) *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*.
pág. 32
56 **Pavão**, José Almeida (1919). *Aspectos Populares Micaelenses*. pág. 51
57 **Baptista**, António (1903) *Album Açoriano*. pág. 27-28

IDENTIDADE ARQUITETÓNICA
A TRADIÇÃO DE CASA POPULAR

“Além de intangível, a casa da ilha é algo mais primitivo e imemorial do que a própria memória. As paredes e o tecto da casa são de matéria viva, da lava que ainda está caindo das mãos e da vontade de Deus. E também o vento, o orvalho e a manhã são apenas gestos, fragmentos do trabalho divino.”

Baptista, Adelaide (1995). *São Miguel, Nordeste e o princípio da ilha*, pág 54

03.1 Identidade

Geralmente, a definição de casa tradicional passa pela definição dos seus métodos e processos construtivos. No caso micaelense, os aspetos formais e construtivos estão intimamente ligados à expressão da casa popular por serem um reflexo fiel do povo e do lugar onde se inserem. A tradição micaelense exige atenção e cuidado na implantação, e a utilização de materiais locais atribui-lhe um carácter e uma expressão eminentemente locais. Estes aspetos construtivos fornecem ainda pistas para o entendimento do carácter e mentalidade do povo micaelense, por serem o reflexo do seu modo de vida. É, por exemplo, inevitável reconhecer em São Miguel, muito mais do que nas restantes ilhas, um marcado contraste entre riqueza e pobreza, o que justifica a construção de casas de tão pequenas dimensões para albergar famílias numerosas.

“A habitação dos camponeses micaelenses mais pobres é das construções civilizadas mais pobres. Quatro paredes grossas, não fechando uma superfície de mais de quarenta metros quadrados e de altura suficiente para conter uma porta por onde passe um homem sem se curvar muito, um tecto de palha da mais simples e fraca armação, mas bastante alto; eis o que basta para abrigar pai, mãe e meia dúzia de filhos.”⁵⁸

As primeiras habitações na Povoação, em São Miguel, são descritas na crónica de Gaspar Frutuoso como pequenas “cafuas de palha e feno”⁵⁹, mais tarde evoluídas para paredes de pedra com cobertura em palha, e hoje encontradas com coberturas telhadas - “Em breve tempo, a casa típica dos Açores foi a de alvenaria, rebocada ou não e com cobertura de telha”⁶⁰. Estas casas, sempre de mínimas dimensões, terão surgido com plantas com uma única divisão que terão evoluído para duas divisões e finalmente para quatro, na tipologia mais frequentemente encontrada de planta dobrada.

A casa popular micaelese reinterpreta as soluções construtivas do continente, mas adaptadas e reiventadas em função das diversas condicionantes insulares. Nestas casas “existe uma unidade dos processos construtivos, na adaptação topográfica das casas ao terreno, que depois manifesta uma grande diversidade na organização interna, nas volumetrias e nos acabamentos”⁶¹.

58 **Furtado**, Francisco de Arruda (1883) *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*. pág. 18
59 **Frutuoso**, Gaspar (1977). *Saudades da Terra*, Livro IV. pág. 16-17
60 **Santos**, João Marinho dos. *Os Açores nos sécs. XV e XVII*. Volumes 1, pág. 161
61 **Dourado**, Rita e **Rodrigues**, Sérgio (2012). *Arquitectura Popular dos Açores*.

No entanto, o estudo dos métodos construtivos não será, por si só, pertinente para definir a identidade arquitetónica local. Se por um lado, se deve à geografia o isolamento, causador de uma certa estagnação no desenvolvimento dos sistemas construtivos, por outro, “as próprias catástrofes naturais obrigam a uma constante substituição do velho pelo novo na urgência de reerguer as formas que asseguram o quotidiano e asseguram a identidade cultural”⁶². Neste sentido, e devido aos frequentes sismos e erupções vulcânicas, as casas são constantemente reerguidas, o que resulta numa dificuldade em reconhecer uma forte tradição construtiva.

Marinho dos Santos, aquando desta dificuldade de definir uma tipologia de casa micaelense, afirma que “são, de facto, variados os critérios para definir e caracterizar tipos de habitação. Desde a funcionalidade (...) até à imagem social que ela traduz”⁶³. Segundo a nossa perspetiva, para além dos métodos construtivos e da predominância do uso da pedra vulcânica, a tradição micaelense ganha especial significado no modo de apropriação e vivência dos espaços, que são reflexo do seu modo de vida e expressam a tradição e identidade do povo.

“A par do vestuário, da cerâmica, dos bordados, cestaria e tantas outras artes populares, a casa rural entra no conjunto de imagens destinadas a representar a identidade regional.”⁶⁴

A casa popular é a mais crua representação do espaço doméstico e, de facto, é a que mais fielmente representa a identidade de um povo. Esta, não derivada de um planeamento, define-se como uma resposta rápida e intuitiva ao quotidiano e tem como protagonista o próprio utilizador, sem o arquiteto como intermediário. Daqui surgem formas e séries tipológicas originais, segundo o saber cognitivo da tradição que é transmitida de geração em geração e que passa pelo “gosto”, numa posição mais primitiva e sem constrangimentos. Leite de Ataíde, realça que “a Arquitectura, (...) considerada como uma das manifestações de actividade de um povo (...), traz a plena compreensão da individualidade própria”⁶⁵

A arquitetura popular micaelense é, por assim dizer, um conjunto de espaços e atividades interligados que, apesar de aparentemente distintos em muitos casos, formam um todo. É segundo esse pressuposto que desenvolvemos um pensamento acerca dos denominadores comuns das casas populares da ilha de São Miguel, motivados pelo lugar e justificados no modo de vida micaelense. São estes os denominadores comuns que consideramos mais pertinentes para definir a identidade arquitetónica e a tipologia de casa popular micaelense.

62 **Viveiros**, Natacha Fernandes da Ponte (2001). *Projectar em S. Miguel : sobre o lugar, informante da prática do desenho enquanto projecto*. pág. 31
63 **Santos**, João Marinho dos. *Os Açores nos sécs. XV e XVII*. Volume 1, pág. 42
64 **Albergaria**, Isabel (2012). *“Arquitectura Regional”*. *Debates e Propostas em Torno da Casa Açoriana na I República*.
65 **Ataíde**, Luis Bernardo Leite de (1919). *Apointamentos Sobre Arquitectura Regional*. pág. 343

03.2 Caracterização das casas
na relação com a envolvente

“A casa, na paisagem açoriana, é um sorriso de boas-vindas ou um aceno de despedida, cheio de ternura e de saudade, consoante o espírito de quem a observou. (...) A casa açoriana, sobressaindo do fundo dos panoramas vários que a par e par se desdobram nas ilhas deste arquipélago, é uma notícia, uma prova, uma vigorosa marca da presença do Homem em terras dos Açores.”⁶⁶

De facto, e segundo afirma Carreiro da Costa, a casa micalense apresenta-se como uma prova da presença humana, na aparentemente intocada e virgem paisagem açoriana. Esta demonstra um enorme cuidado e sensibilidade ao lugar onde se implanta e tanto sobressai na neblina pelo branco caiado ou pela policromia das suas fachadas, como se adapta, quase se camuflando, quando adopta o uso da pedra local de basalto.

Em São Miguel as ruas são geralmente estreitas e definidas pelas casas em empena que se formam em fila ao longo da rua, com fachadas confinantes e viradas para a rua. Uma das características mais marcantes das ruas micalenses é a vivência que nelas se sente, sendo este o espaço público predileto para o convívio. Aqui se instalam durante o dia, sentados nos passeios, nos poiais ou nas conversadeiras, ouve-se música ou joga-se à bola. A rua e o passeio, em relação direta com a entrada das habitações, são, assim, espaços de estar (fig.03.1 e fig. 03.2).

As casas são geralmente baixas, de um único piso, com fachada em esquema de janela-porta-janela⁶⁷ ou apenas janela-porta - versão ainda mais elementar de habitação - mas, dependendo da zona e da densidade populacional, podem atingir os dois pisos. As casas estão dispostas com a fachada principal virada e confinante para a rua e dispõem-se “quase todas em banda perfazendo uma continuidade construtiva muito típica do Alentejo ou Ribatejo”⁶⁸.

A fachada, com frentes entre quatro metros e meio e sete metros, é repetida ao longo da rua, mas a casa é individualizada através da **cor** (ver anexo 03), destacando-se o contorno da fachada e dos respetivos vãos em contraste com a tonalidade da restante superfície e com as persianas ou estores. São Miguel é a ilha que apresenta maior policromia nas fachadas

66 Costa, Carreiro da (1991). *Etnologia dos Açores*. Volume 1, pág. 445
67 designação retirada de Fernandes, José Manuel (1996). *Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica Portuguesa, quadro histórico do século XV ao século XVIII*.
68 Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*, pág. 210



fig. 03.1



fig. 03.2



fig. 03.3



fig. 03.4

das casas, quer no contexto urbano, quer no contexto rural. Esta tradição cromática, talvez parcialmente explicada pela enraizada emigração micaelense para o Brasil (onde o uso da cor é tradicional nas casas mais pobres), socorre-se de uma grande diversidade de técnicas e materiais, “adoptando com naturalidade a pintura com tintas modernas, de tinta de óleo à tinta de água, mantendo, ao mesmo tempo, muitas gradações de caiação com pigmentos de cor”⁶⁹.

Neste sentido, a cor é um cuidado decorativo que procura ostentar riqueza e espelha claramente a jovialidade do povo micaelense enquanto combate o ambiente cinzento provocado pelo nevoeiro e pela frequente neblina. Além da policromia das fachadas (fig. 03.3) é predominante o uso da pedra basáltica local - “é que nas veias corre-me basalto negro”⁷⁰ - presente em toda a arquitetura regional micaelense (fig. 03.4).

Nestas ruas estão semeados **poiais** (ver anexo 04), uma espécie de degraus em pedra com diversas funções, encontrados quer embutidos na ombreira das portas de entrada (fig.03.4), quer em plena rua. Mais do que uma invulgar comodidade como assento ou como depósito de cargas, constituem um símbolo da arquitetura regional, por demais generalizado. Era antigamente muito utilizado como trampolim para subir aos animais de condução, podendo por isso ser encontrado com um ou mais degraus, ou para os que entrassem em casa pudessem esfregar as solas do calçado e retirar a lama, podendo por isso, ser por vezes encontrado com um travessão em ferro adjacente.

“(…) não eram apenas os donos da casa que se sentavam a repousar ou a targar. Aí se sentavam, também, a gozar as tardes calmas e as noites luarentas, as mulheres e os filhos, os parentes e os vizinhos, em ameno convívio, e a que não lhes faltavam, também, as violas e as guitarras, para uma cantoria agradável. (...) Aos mesmos poiais, igualmente recorriam os viandantes que passavam neles, colocando, para um descanso sem pressas, os cestos e os sacos que levavam. Aí sentados, puxavam do farnel para umas dentadas apetecidas, acontecendo muitas vezes a porta de casa abrir-se e vir de lá do fundo da cozinha uma tigela de caldo quente, acabado de fazer, para aconchegar melhor o estomago do caminhante.”⁷¹

69 **Caldas**, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*, pág. 139
70 Verso da famosa canção açoriana que constitui o hino não constitucional açoriano, da autoria de Manuel Medeiros Fonseca.
71 **Costa**, Carreiro da (1991). *Etnologia dos Açores*. Volume 1, pág. 450



fig. 03.5



fig. 03.6

Ainda como resposta ao convívio na rua, aponta-se, em São Miguel, a presença das **conversadeiras**, ou **namoradeiras** (ver anexo 05). Constituem uma elevação do piso de entrada, mascarando uma casa simplesmente térrea, atribuindo-lhe uma importância que a aproxima das construções eruditas. Define-se, assim, um recanto elevado à entrada da habitação que é adotado como espaço de socialização e coscuvilhice com o vizinho do lado. Por vezes apresenta um desenho classicizante popularizado, sendo um claro exemplo da transposição do modo de vida micaelense para a arquitetura doméstica (fig. 03.5).

Na ausência das conversadeiras, nas portas do modelo convencional de janela-porta-janela (que é aqui o modelo predominante), é muito comum surgirem **cancelas** (ver anexo 06), que demarcam a relação com a rua, nas quais os moradores se debruçam para interagir com a vizinhança (fig. 03.6).

“Surgem numa sucessão ininterrupta de fachadas ao longo das ruas, especialmente na Fajã de Cima (arredores de Ponta Delgada), rematam o corredor que atravessa a casa e deixa, por vezes, vislumbrar a barraca de milho no quintal. Constituem também a resposta à necessidade do espaço colectivo aqui inexistente.”⁷²

A entrada das casas é, por vezes, marcada com uma **saturação simbólica** (ver anexo 07), onde é frequente encontrar azulejos com dizeres populares ou religiosos, estatuetas, santos ou outros objetos, e *pombinhas* de louça ou de pedra nos remates dos telhados. Esta última é também visível na arquitetura popular do Algarve, sendo uma das decorações mais características das casas açorianas, em particular de São Miguel, e está aqui ligada ao culto religioso, em particular do Espírito Santo⁷³.

72 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitetura Popular dos Açores*. pág. 135
73 “Domingo próximo manda a Igreja que se celebre a dominga da Pascoela. Chamam os Micaelenses a esse dia - o Domingo da Pombinha pela festa, que então se celebra, se encontrar em parte, uma velha tradição que nos diz que no ano de 1673 - ano das doenças, como ficou conhecido - ao terminal de uma terrível peste que então se grassou em São Miguel, houve na segunda-feira imediata, missa solene de graças no altar de S. Roque da Matriz de Ponta Delgada, verificando-se que, durante ela e o sermão, uma pomba assistiu a tudo, saindo depois por uma fresta - caso este que foi tido como um milagre. Daqui a designação de Festa da Pombinha ou ainda, Domingo e Segunda-feira da Pombinha.(...) a pombinha haja sido colocada com a intenção da casa, e portanto, da família que na mesma vive ficar sob a proteção da Divindade. (...) Espécie de amuleto do lar.”

na organização interior

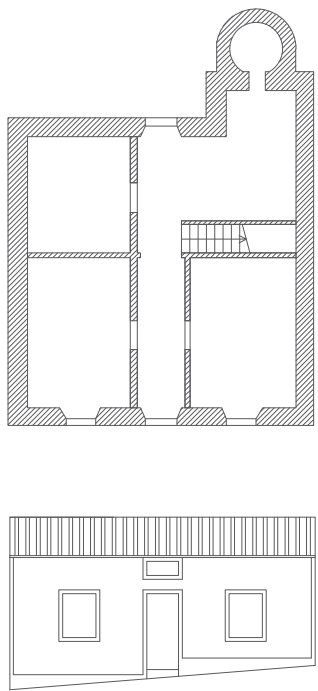


fig. 03.7
Planta dobrada, escala 1:200



fig. 03.8

A casa rural açoriana apresenta sempre uma planta de geometria simples, rigorosa, repetitiva e de pequenas dimensões. Apresenta aspetos construtivos comuns e uso da pedra local, cobertura pouco inclinada com telha cerâmica de meia cana, apoiada em estrutura de madeira, paredes divisórias em tabique ou frontais de madeira.

Como vimos, a intensa religiosidade do povo micalense está bem patente na sua arquitetura, em especial na sua expressão popular doméstica. Como afirma José Manuel Fernandes, “pelas suas características especialmente cuidadas da sua estruturação interna e pelas funções específicas dos compartimentos - [a casa micalense] parece aproximar-se da representação simbólica do espaço litúrgico transposto para o agregado doméstico-familiar”⁷⁴. De facto, as suas plantas permitem reconhecer uma relação espacial com o espaço litúrgico mais elementar, e toda a decoração doméstica reflete a devoção religiosa do povo micalense.

A fachada do modelo predominante janela-porta-janela corresponde, habitualmente, à denominada “planta dobrada” (fig. 03.07). Segundo Oliveira e Galhano, “este tipo de habitação, com quarto e sala na parte da frente (...) tem geralmente um quarto nas traseiras, definindo a característica planta dobrada”⁷⁵ e referem, para o continente, modelos análogos na zona algarvia. Nestas casas, liga-se à entrada, invariavelmente, o corredor central da casa que leva ao tardo. De cada lado do corredor encontra-se geralmente um pequeno quarto e, ao fundo, de um lado a cozinha, do outro, outro quarto.

A cozinha articula e distribui toda a coerência da casa e é, de facto, indiscutível o papel de destaque que o espaço da cozinha desempenha na casa popular açoriana. Por aqui passam todas as atividades coletivas, desde as atividades relacionadas com o trabalho da terra, até às atividades domésticas de tratamento de roupa e preparação das refeições. Segundo Dourado e Rodrigues, “a cozinha é o compartimento essencial da casa e o cerne do habitar popular, onde decorre toda a vida de relação com a família. É na cozinha que se encontra o lar, no sentido primordial do lugar onde se faz o fogo”⁷⁶ e por aqui se liga o grande volume do forno, separado do espaço da cozinha por um arco. Entre as casas mais antigas, o modelo mais simples de casa popular micalense apresenta apenas um compartimento polivalente (cozinha)⁷⁷, que terá servido de evolução para os modelos de casa hoje mais correntes.

⁷⁴ Fernandes, José Manuel (1996). *Cidades e casas da Macaronésia. Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica nas Ilhas Atlânticas sob Influência Portuguesa, quadro histórico do século XV ao século XVIII*. pág.312

⁷⁵ Veiga de Oliveira e Galhano, Fernando (1968).

⁷⁶ Dourado, Rita e Rodrigues, Sérgio (2012). *Arquitectura Popular dos Açores*.

⁷⁷ Costa, Carreiro da (1991). *Etnologia dos Açores*. Volume 1, pág. 450

O **quarto de estado** é “o melhor quarto da casa”, geralmente junto à fachada da rua, mas que raramente é utilizado, senão perante visita de médico ou padre, ou ainda para acolher um romeiro que necessite guarida. Segundo relatos e descrições mais antigos, na ausência de mais quartos, o casal da casa dormiria no corredor ou com as crianças no sótão, deixando sempre o quarto de estado livre. Segundo Carreiro da Costa,

“Em São Miguel, antigamente existia o «quarto de estado»; era um quarto simbólico, com a melhor mobília que os noivos podiam comprar ou os pais oferecer como presente de noivado, mas no qual nunca dormiam para não estragar; ou iam para outro quarto, de mobília mais velha, às vezes só com uma cama e uma cadeira; na falta deste dormiam na falsa. Assim, havia sempre um quarto apresentável para, em caso de doença ou de morte, a família não se envergonhava perante o médico ou o padre.

(...)

A cama alta de rodapé fica a um lado, com sua colcha de tear enramada, de cor, ou de ponto alto, toda branca. Muitas vezes a viola se vê inclinada sobre ela, repousando as fadigas dos bailhos e das romarias. Á sua cabeceira o resistro do Senhor Santo Cristo é uma prova da religiosidade da gente de São Miguel. Rente à janela, a velha cómoda com o seu oratório fechado imprime santidade ao aposento, as bambinelas de cassa bordada, quebram um pouco a luz crua vinda de fora, da rua, onde muitas vezes sobre capachos de espadana, o milho e o trigo secam à boamente.[sic]”⁷⁸

Uma das principais características das casas micalenses é o minucioso aproveitamento do espaço, visível no tratamento pormenorizado dos pequenos recantos com armários e escadinhas, mas, sobretudo no compartimento da **falsa**. A falsa designa o aproveitamento superior do espaço correspondente ao vão de duas águas do telhado, que mantêm a sua estrutura aparente de barrotes e vigas de madeira, sendo, portanto, um modo expedito de ganhar espaço numa casa pequena. A falsa pode ocupar a área correspondente a toda a casa, ou apenas uma parte, permitindo quase sempre à cozinha - principal espaço da casa - o seu pé direito íntegro. O acesso à falsa faz-se invariavelmente pela cozinha, por uma escada de madeira de mínimas dimensões e, no seu vão, surgem “com elaborados detalhes de carpintaria, pequenos armários que aproveitam o espaço inferior”⁷⁹. A presença da falsa está sempre identificada por pequenas janelas assinaladas na fachada que se volta à rua (fig. 03.9).

78 Costa, Carreiro da (1991). *Etnologia dos Açores*. Volume 1. pág. 447
79 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitetura Popular dos Açores*, pág. 120



70 fig. 03.9

“Servindo de quarto de dormir, povoada de camas, é geralmente destinada aos filhos pequenos, traduzindo na minúscula dimensão das janelas, que lhe dão luz e ar, o universo infantil e a escala de quem o habita.”⁸⁰

no quintal

O tardo das casas micalenses - popularmente conhecido como quintal - é ainda muito característico da arquitetura popular do arquipélago. O exterior da casa que se liga à rua encontra-se sempre muito cuidado e convidativo, tal como o seu espaço interior, em especial o mais próximo da fachada, mas vai-se descuidando à medida que se avança em direção ao tardo. O quintal é um espaço de trabalho organizado e cuidado mas não de ostentação, ao contrário do que se verifica com o exterior que contata com a rua.

“O homem, no porco que ronca no pátio, a mulher nas galinhas e na restante criação que debica por todos os cantos; ele na pequena horta que viceja pas-santes a cançada e a cancelinha, ela nas flores de cheiros mais nas ervas de virtude, semeadas por vasos e panelas dispostos por muros e banquetas.”⁸¹

No quintal destaca-se a presença de, pelo menos, duas construções exteriores à casa, por vezes compiladas numa única capaz de satisfazer todas as necessidades do habitar micalense. A mais significativa é a **cozinha de cheiros** (fig. 03.10), visível tanto nas habita-ções rurais mais pobres, como nas casas mais urbanizadas e mais modernizadas. Trata-se de uma segunda cozinha, exterior à casa, tida como um espaço sujo e enfumado e, por isso, afastado da casa, que geralmente apresenta forno a lenha e o programa mais elementar de cozinha. É aqui que a família cozinha e prepara as refeições, mantendo praticamente intata a cozinha do interior da casa. A cozinha interior apresenta os melhores eletrodomésticos e utensílios de trabalho, sendo estes, no entanto, mais exibidos do que usados, mantidos em lugares próprios para a sua exposição⁸², como por exemplo, a exposição de fruta de plástico e os melhores *naperons*. Por outro lado, a cozinha exterior é um espaço de trabalho, não de mostrar e, como tal, os visitantes são sistematicamente mantidos afastados dele.

A segunda construção mais frequentemente encontrada no tardo é a **casa de despejo**, um barracão tido como lugar de despejo de bens que não estão em utilização, um pou-co à semelhança do frequente uso feito da garagem no continente⁸³, por vezes disposta num piso superior por cima da cozinha de cheiros.

72 80 Idem. Ibidem.

81 **Costa**, Carreiro da (1989). *Etnologia dos Açores*. Volume 1
82 **Rial**, Carmen Sílvia (1992). *Da Casa Açoriana à Casa Decorada: ensaio de estética popular*.
83 **Fernandes**, José Manuel (2008). *A Casa Popular do Algarve: espaço rural e urbano, evolução e actualidade*.
pág. 45



fig. 03.10



fig. 03.11

A **chaminé do forno** é uma das principais, se não a principal, característica da arquitetura popular micaelense, por se destacar da casa como volume próprio, quase tão grande como o resto da casa. Com nítidas influências algarvias e alentejanas - “Chaminés Algarvias e Alentejanas caminham aqui a par e par libertando o fumo de origens longínquas que de perto só têm o enlaço da alma”⁸⁴. As chaminés micaelenses denotam uma grande preocupação formal, sendo a mais frequentemente encontrada, a chaminé maciça e prismática (fig. 03.12), por vezes caiada, em muito semelhante à versão de chaminé mais atarracada da Terceira, a *chaminé de mãos-postas*. A denominação advém do seu remate com secção vertical em forma de trapézio isósceles muito agudo, que lembra a posição de mãos postas em direção ao céu a dar graças ao Senhor o que, por si só, atesta mais uma vez a forte presença religiosa na arquitetura e no quotidiano micaelense.

84 **Baptista**, Adelaide (1995). *São Miguel. Nordeste e o Princípio da Ilha*. pág. 65

03.3 A tradição na modernidade

A descrição de casa popular que tecemos ao longo deste estudo não se limita, propositadamente, a um período histórico, pelo que pretende antes demonstrar a tradição micaelense na construção dos espaços ao longo do tempo e identificar a sua originalidade, a sua *identidade*. A casa popular micaelense traduz o modo de vida açoriano e reflete, de forma fiel, a sua mentalidade de aproveitamento do espaço, a intensidade do seu sentimento religioso e o seu carácter hospitaleiro. Esta tem, naturalmente, evoluído ao longo do tempo, sendo que conhecemos a sua versão mais rudimentar ainda com pavimento em terra batida e cobertura em palha.

“As casas mais modestas são difíceis de datar, convindo não esquecer que, nos Açores, a construção habitacional se converteu, como a seu tempo se verá, numa indústria incessantemente retomada.”⁸⁵

A casa de planta dobrada já não responde às necessidades de habitação de antigamente e vai-se adaptando segundo as novas exigências da atualidade. Este tipo casa que outrora albergava famílias numerosas em espaços muito reduzidos, acolhe hoje um ou dois moradores, maioritariamente idosos. As casas recebem acrescentos, por necessidade de quartos de banho e garagens, e o forno antigo é, por vezes, convertido ou modificado para utilização como despensa ou mesmo para instalações sanitárias.

O desenvolvimento das técnicas e dos materiais de construção, o aumento das possibilidades financeiras ou, ainda, a aproximação à urbanidade, obriga a uma substituição da elementaridade de soluções nas casas contemporâneas. Nestas, assiste-se ao aparecimento de novos compartimentos como o hall de entrada e a sala de estar, e a cozinha passa a albergar aparelhos eletrodomésticos e televisão. Dependendo das possibilidades financeiras surgem duas salas de estar: o *quarto de serão* e o *quarto de visitas*, o primeiro referindo-se a um espaço mais pequeno e humilde que define o local de reunião familiar ao serão, dando-se já o abandono da cozinha como principal espaço de convívio. O quarto das visitas, por outro lado, é uma sala maior e denota grande cuidado decorativo, expõe o melhor mobiliário da casa e é onde se atribuem os melhores cuidados. É frequente encontrar a mobília protegida por coberturas plásticas, sendo uma sala raramente utilizada, a não ser na presença de visitas.

Neste sentido, a distância que separa a casa rural da casa urbana tende a dissipar-se. A casa *moderna* mantém o quarto de estado, apesar de ganhar outro estatuto - quarto de hóspedes - que, sempre em posição privilegiada da casa, ostenta o melhor mobiliário, decoração e limpeza. A cozinha de cheiros, passa à denominação de cozinha exterior e é fundamental ainda no quotidiano atual, passando a ser construída em betão e equipada com eletrodomésticos recentes. A falsa recebe uma escada de acesso mais nobre, não necessariamente ligada à cozinha, e tende a ganhar maior importância. A falsa moderna é o último piso da casa, geralmente sem divisões, e corresponde ao espaço mais íntimo da casa, servindo inúmeras funções. A falsa deixa transparecer uma postura mais liberta e descontraída em relação ao resto da casa, e o seu carácter flexível é visível nas variadas formas de utilização que o espaço permite. Enquanto serve de arrecadação, tal como o sótão do continente, é geralmente o espaço de estar mais íntimo e informal, podendo assumir-se como um espaço de lazer ou como escritório.

Algumas das características da casa popular, como o quarto de estado, terão sido transpostas da casa nobre e popularizadas. A presença das características populares em casas urbanas contemporâneas revela ainda a profunda ambiguidade vivida com o avançar das gerações e o valor da tradição. Esta reflexão é pertinente por colocar em evidência o quanto é nuançado o processo de ingresso no mundo urbano e a linha ténue que separa a arquitetura popular e a denominada arquitetura moderna.

A TIPOLOGIA DA BRETANHA
UM CASO DE EXCEÇÃO

“A Architectura é uma coisa que engloba vida, espaço interior, contradições. Contextos diferentes dão edifícios diferentes.”

Siza, Álvaro. *in* entrevista ao Jornal Público.

04.1 Percurso pelo noroeste micalense: das Capelas à Bretanha

“De Capelas á Bretanha o caminho é facil e a paizagem risonha. A estrada corre paralela à costa, tendo portanto o mar quasi sempre á vista – e em frente do mar a paizagem é sempre bella.
A excursão á Bretanha serve para nos ensinar qual a feição da pequena agricultura em S. Miguel. Primeiro passa-se Santo Antonio, depois a Ajuda e, por ultimo a Bretanha, aldeias, pobrisimas, porém alegres e asseadas, com um ar de actividade campezina que logo nos seduz.[sic]”⁸⁶

De facto, percorrer o litoral de São Miguel obriga à passagem por diferentes freguesias, conhecendo diferentes *feições* da arquitetura micalense, de acordo com as especificidades da paisagem com que nos vamos deparando.

Neste sentido, e à semelhança da crónica de Gaspar Frutuoso, que se serve de percursos na ilha para descrever a paisagem de São Miguel, parece-nos interessante a descrição de um percurso que nos indicie as alterações do território e ambiente sentidas até chegar à Bretanha, com o intuito de melhor compreender o lugar onde se insere o objeto de estudo.

A costa sul é francamente marcada pela prática da pesca artesanal, que é uma constante nesta costa, apresentando ainda dois núcleos importantes na costa norte: Rabo de Peixe e Capelas. Porém, enquanto na costa sul os cais têm uma relação direta com o conjunto urbano, “a falésia alta da costa norte obriga a construí-los em recesso abrigado, o que implica um afastamento da zona habitada”⁸⁷. Nos núcleos piscatórios, como os da costa norte, a malha de ruas é, geralmente, muito densa e concentrada, apresentando estas povoações “um carácter de bairro que não se pode considerar propriamente urbano”⁸⁸.

Devido às marcadas diferenças entre a costa norte e a costa sul, que têm repercussões na malha urbana e na arquitetura, iniciamos o percurso a norte, para que se entenda a excecionalidade da Bretanha e as variações que admite dentro de um curto espaço, ao longo de um mesmo litoral. Será iniciado na freguesia das Capelas, em direção ao noroeste da ilha, até à Bretanha, ao longo da estrada regional principal (ver anexo 08).

Por este caminho, encontramos casas que se implantam em relação direta com a estrada, outras serão apenas avistadas. No entanto, assistimos a um território que se vai modificando e assumindo diferentes formas, estabelecendo diferentes relações com o mar e mostrando casas com características próprias.

86 Nogueira, J. V. Paula (1894). *As Ilhas de S. Miguel e Terceira*. pág. 69
87 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. pág. 92
88 Idem, Ibidem.

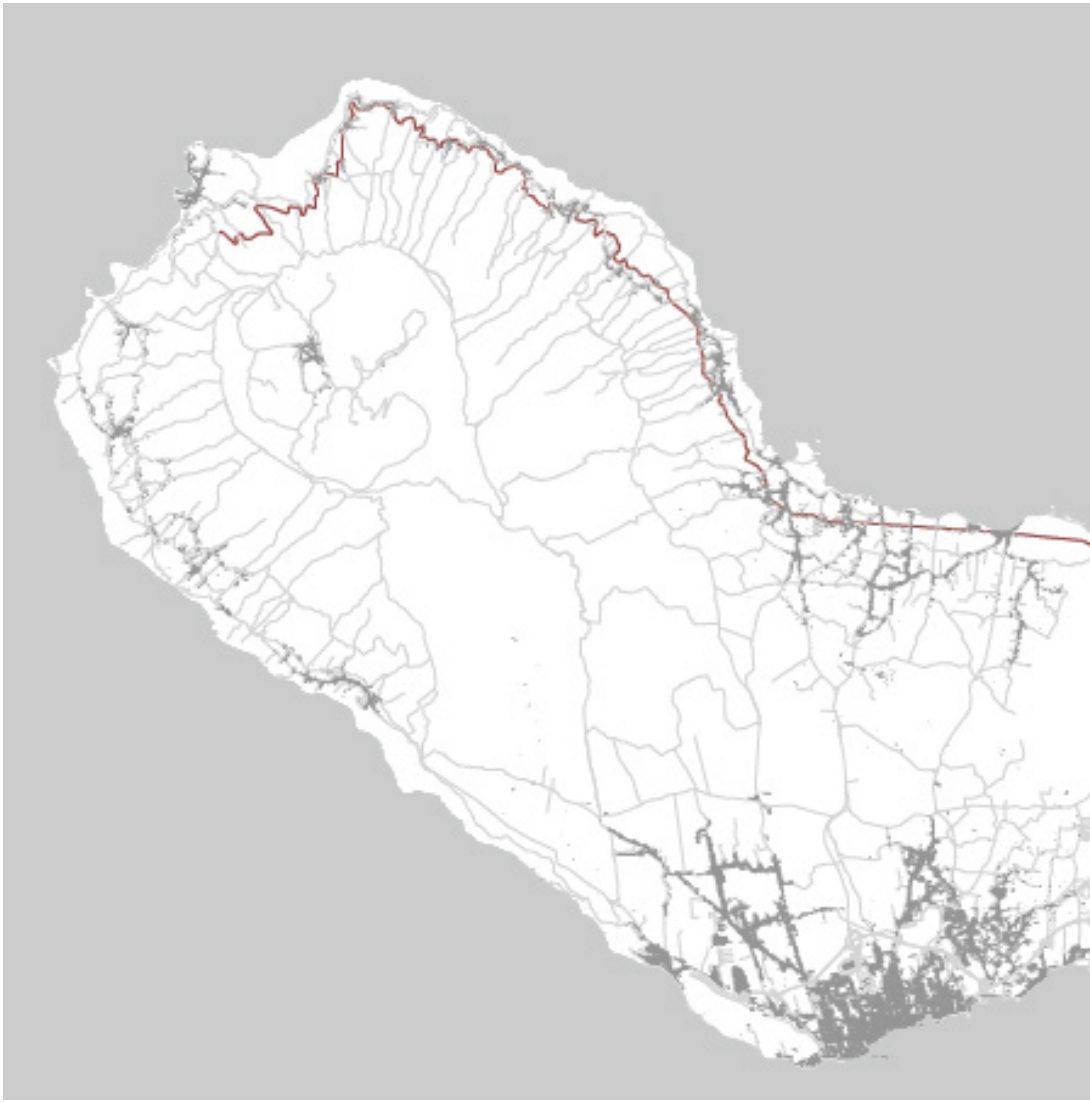


fig. 04.1
Mapa de estradas e edificado do concelho de Ponta Delgada, escala 1: 100 000

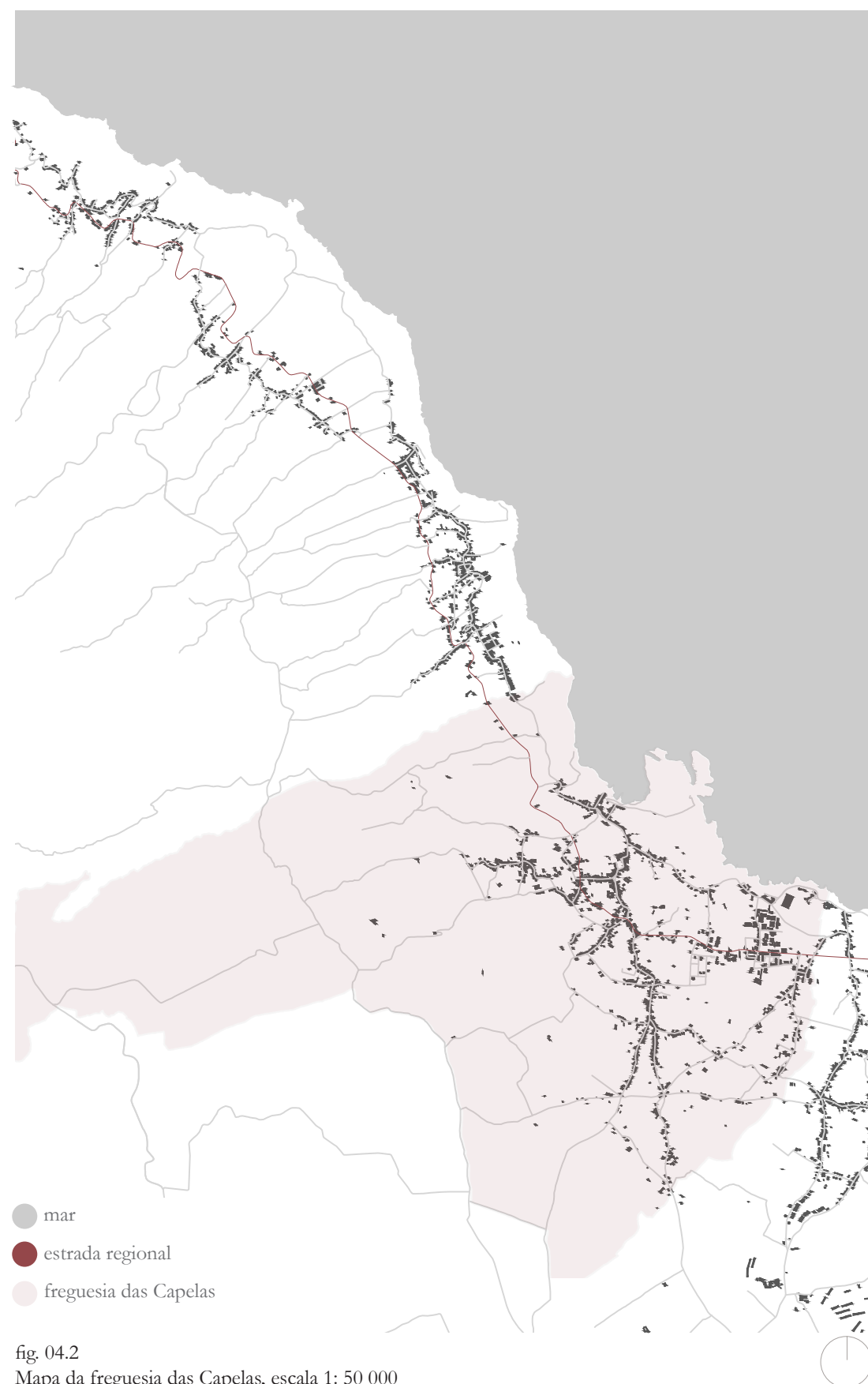


fig. 04.2
Mapa da freguesia das Capelas, escala 1: 50 000

Ao iniciar o percurso nas **Capelas**, que apresenta uma densidade populacional de 242,3 hab/km² (área: 16,84 km²; habitantes: 4080), temos a percepção de uma freguesia bastante populosa. A sua densidade populacional é, de facto, visível na implantação das casas, sempre adjacentes, voltadas para a estrada ou para as ruas movimentadas. À semelhança de Rabo de Peixe, as suas ruas estão “cheias de miudagem e de pescadores, espaço-gueto de personalidade única”⁸⁹. É protegida a sul por montanhas e estabelece uma relação próxima com o mar a norte. À medida que se estende para norte, em direção ao mar, perde altitude de forma suave até à cota marítima, onde se situam os portos e zonas balneares. Aqui, sente-se o típico ambiente piscatório - “as ruas viradas ao mar, o estendal de remos, os barcos no cais, o amanho das redes”⁹⁰. A tipologia predominante de fachada que encontramos é a de janela-porta-janela, de fachadas coloridas, com a presença de poiais e cancelas. Encontramos, no entanto, dois exemplos de casas com a empena voltada para a rua, mas de maiores dimensões que a tipologia de empena-fachada e sempre adjacentes às casas do lado.

A freguesia que se segue é **Santo António** e a primeira diferença com que nos deparamos é ao nível da densidade populacional, que aqui é de 155,9 hab/km² (área: 11,73 km²; habitantes: 1829). Esta diferente densidade populacional é visível na tendência à dispersão das casas que, apesar de se encontrarem sempre em linearidade com a rua, nunca se tocam umas às outras, podendo até estar, por vezes, em cotas diferentes. Mesmo quando estão implantadas num monte, a uma cota superior, ou implantadas numa depressão, as entradas estão voltadas para a rua e o acesso é feito pela rua, a que aqui dita a regra, por escadinhas. De facto, o terreno apresenta-se bastante mais irregular do que nas Capelas, a altitude é superior e o território acidentado, o que significa que a vivência na rua é menor e a relação com o mar é mais distante - “a freguesia de Santo António (...) pousa no cimo da alta rocha, resguardando-se da costa que a impossibilita de comungar com o mar, já que nem as poucas pontas de pedra o permitem”⁹¹. A tipologia predominante é a de empena-fachada e, à medida que se desce para o interior da freguesia, é frequente encontrar a mistura das duas tipologias (empena-fachada e janela-porta-janela), mas sempre voltadas para a rua e sempre afastadas umas das outras.

Em seguida, entramos em **Santa Bárbara**, freguesia ainda mais dispersa e menos populosa, com uma densidade habitacional de 98,2 hab/km² (área: 8,71 km²; habitantes: 855). Aqui as casas encontram-se completamente dispersas e, as poucas que encontramos, correspondem ao modelo de janela-porta-janela, voltadas para a rua que aqui está desenhada paralela ao mar. No entanto, a relação com o mar é estritamente visual, pela altitude que atinge o território e porque a própria estrada se afasta ligeiramente da costa.

89 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. pág. 92

90 Idem, Ibidem.

91 Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 323

04.2 O lugar da Bretanha

“Logo corre alta rocha por espaço de uma légua até o lugar da Bretanha, também termo da cidade, situado em uma ponta grossa e romba de terra, que faz a enseada atrás dita; defronte da qual está um baixo grande, dentro no mar, apartado da terra um tiro de arcabuz, que quando o mar é manso aparece de longe preto, e quando é bravo, parece branco e navio que vai à vela, por causa do mar que arrebenta por cima dele. Chama-se este lugar da Bretanha (segundo alguns) porque é terra alta e grossa (...)”⁹²

Depois da freguesia de Santa Bárbara, entramos na Bretanha. Por Bretanha consideramos as três freguesias: Remédios, Ajuda da Bretanha e Pilar da Bretanha. Até 2002, Ajuda e Pilar consituíam uma única freguesia, a freguesia da Bretanha que, até então, englobava também os Remédios.

Na freguesia dos **Remédios** avistam-se mais casas e sente-se maior densidade populacional do que em Santa Bárbara, com um índice de 167,4 hab/km2 (área: 5,56 km2; habitantes: 931). No entanto, a ideia de rua como principal espaço público perde-se quase por completo, sendo a vivência na rua quase nula. De facto, o terreno torna-se bastante mais acidentado e a distribuição das casas mais dispersa. Avistamos as primeiras casas que não se implantam na linearidade da rua, implantando-se algumas perpendicularmente à estrada, e a tipologia predominante aqui é a de empena-fachada.

A **Ajuda da Bretanha**, com a densidade populacional de 98,5 hab/km2 (área: 6,71 km2; habitantes 661) e o **Pilar da Bretanha**, com 102 hab/km2 (área: 6,12 km2; habitantes: 624), são muito semelhantes na sua geomorfologia, tipo de casas encontradas e estratégias de ocupação do território. Enquanto nos Remédios as casas ainda se servem do desenho da rua para se implantarem, quer na sua linearidade, quer na sua perpendicularidade, quando chegamos à Bretanha torna-se difícil encontrar uma lógica de implantação.

Esta zona, noreste da ilha, é dominada pela presença da caldeira das Sete Cidades que, rodeada por um relevo de suave e contínua pendente para o mar, fornece contornos irregulares, estando a povoação da Bretanha implantada a uma cota elevada e distante do mar. A tipologia predominante, e quase exclusiva, é a de empena-fachada, que avistamos com as empenas tanto apontadas para a montanha sul como voltadas para o mar. As casas diferem ainda na proximidade entre si, e implantam-se em maior ou menor proximidade da estrada.

A Bretanha, no seu silêncio e quietude, surge, então, na paisagem, de forma desordenada e dispersa.

92 Frutuoso, Gaspar (1522-1591). *Saudades da Terra*. Livro IV, pág. 209-210.

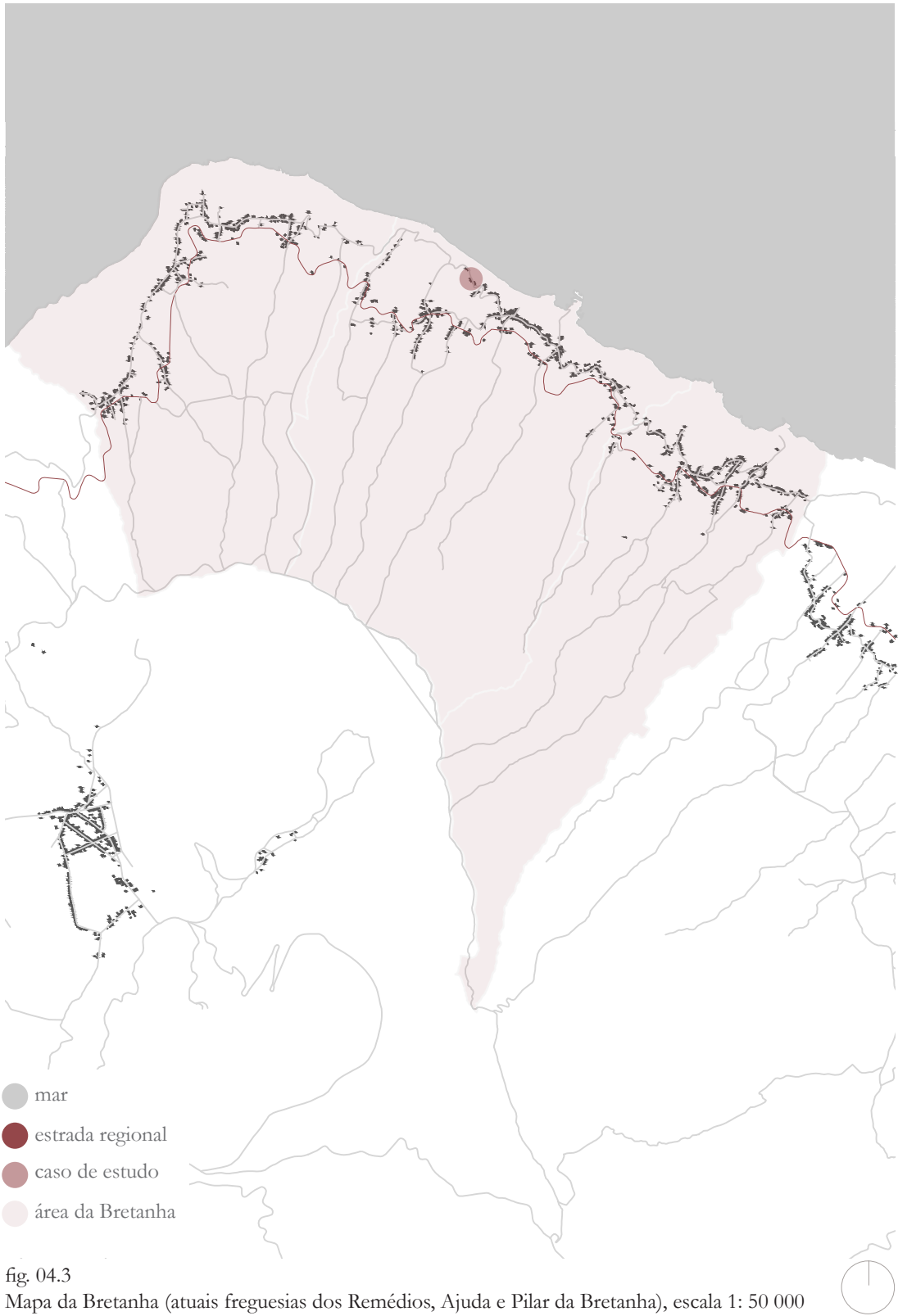


fig. 04.3
Mapa da Bretanha (atuais freguesias dos Remédios, Ajuda e Pilar da Bretanha), escala 1: 50 000

04.3 Caracterização das casas
na relação com a envolvente



fig. 04.4



fig. 04.5

Etimologicamente, a palavra “Bretanha” significa “pedaço alto de terra”, segundo Frutuoso⁹³. De facto, e à exceção da parte oriental da ilha, que corresponde ao lado mais abandonado e inacessível – *o outro lado da ilha* –, é na parte ocidental que o território atinge maior relevo. Na zona da Bretanha em particular, o território assume uma forma variada, com um relevo acidentado e uma perda abrupta de altitude até ao mar, que só depois é regularizada na zona dos Ginetes, na costa ocidental.

A paisagem da Bretanha está associada ao tipo de casa que aqui se encontra, pela invulgar volumetria que apresenta e a sua disposição no território. A implantação das casas de empena-fachada, que em nada se parece relacionar com a implantação mais correntemente encontrada no resto da ilha, não respeita a orientação da fachada principal para a rua, mostrando-se mais livre na relação com o terreno.

A fachada é a principal característica deste tipo de casa, sendo o que a distingue das restantes da ilha. Apresenta-se mais alta que as tradicionais casas micaelenses, em dois pisos, e exibe como fachada principal a do encontro das suas duas águas (a empena). O piso térreo respeita a lógica de janela-porta-janela, mas no piso superior são encontradas variações com composições de um, dois, ou três vãos, dependendo da freguesia em que se encontra. No entanto, e enquanto a tradicional casa popular micaelense se desenvolve e ganha comprimento perpendicularmente à rua e à entrada, estendendo-se até ao quintal, a casa da Bretanha não cresce em comprimento, mostrando a sua maior dimensão na fachada principal e aparentando ser maior do que é.

Tendo em conta que na Bretanha não é respeitado o tipo de implantação ao longo da rua, a utilização do espaço público da própria rua, que é tão característica no resto da ilha, perde-se nesta zona. Trata-se de uma zona menos populosa e com tendência à dispersão, o que, aliado à morfologia do próprio terreno, à forma das suas estradas entre curvas e contra-curvas, e ao distanciamento em altura do mar, não é incentivado o uso do espaço exterior como espaço de vivência pública. O desenho da rua é muitas vezes desprezado pelas casas que, em muitas situações se encontram implantadas numa cota diferente da da rua, ou voltadas para outras direções. Nestes casos, o acesso às casas é feito por escadinhas ou caminhos que acentuam ainda mais a privatização destas casas em relação à rua.

As casas da Bretanha (ver anexo 09), tão características pela sua forma e fachada, não se apresentam, no entanto, rígidas quanto à sua composição formal de fachada, mostrando-se muito adaptáveis ao território e à sua relação com a rua ou com a envolvente próxima, podendo assumir várias hipóteses de contato com a rua. Podem apresentar características tradicionais do habitar micalense popular, como as conversadeiras ou poiais, no entanto, nota-se uma marcada diferença ao nível da cor das fachadas. Na Bretanha, as casas são, maioritariamente, caiadas de branco e despojadas de decoração exterior, sendo aqui raro encontrar à entrada os tradicionais azulejos religiosos populares.



90 fig. 04.6

na organização interior



fig. 04.7



fig. 04.8

No seu interior, a casa da Bretanha mostra-se muito semelhante às demais casas micaelenses, mantendo geralmente, no piso térreo, o mesmo pé-direito e saturação simbólica religiosa na entrada. A sua planta corresponde, no entanto, a metade da tradicional planta dobrada, com tendência a albergar no seu piso térreo apenas a cozinha e o quarto de estado.

Apesar de exibir uma forma que a destaca do padrão tradicional da casa micaelense, sente-se aqui ainda a mentalidade e modo de vida do povo, presente, em particular, nos pressupostos de organização espacial. A casa da Bretanha não deixa de expressar com clareza o carácter humilde, servil e hospitaleiro do micaelense e, neste sentido, reserva o piso térreo para espaço de visitas: a entrada, que recebe quase sempre com um altar religioso, o quarto de estado, impecável para a eventual passagem de um romeiro que necessite guarida, e a cozinha como espaço de convívio por excelência.

Tal como o desenho da fachada, que varia na quantidade e tipo de vãos de acordo com a freguesia, também a organização interior, no que se respeita à posição e ao desenho da escada da falsa, varia de acordo com a freguesia onde se encontra (fig. 04.9, fig. 04.10 e fig. 04.20). No entanto, o acesso à falsa é feito invariavelmente pela cozinha interior (fig. 04.7), como é costume na domesticidade micaelense, apesar de, por vezes, estar camuflada por cortinas, sempre com aproveitamento do seu vão.

A cozinha da casa da Bretanha é a tradicional micaelense, com uma função fulcral na casa, distribuidora de toda a organização espacial e local de convívio predileto. Mostra-se muito limpa e ordenada, enquanto exhibe a melhor loiça, apesar de apenas utilizada na presença de visitas, fruta de plástico, os melhores *naperons*, e a televisão (fig. 04.7), em contraste absoluto com a cozinha de cheiros, no exterior.

Na casa popular da Bretanha, a falsa (fig. 04.8) assume uma maior importância: deixa de ser um mero aproveitamento de espaço ou um falso segundo piso, chegando a atingir um pé-direito aceitável para ser considerada um segundo piso. Ocupa a área total da casa, incluindo a área por cima da cozinha, o que raramente acontece na casa tradicional micaelense que oferece geralmente à cozinha um pé-direito mais alto.

Na tradição popular micaelense, a falsa é um dispositivo muito flexível, permite a sua utilização de diversas formas e para diversas funções. No entanto, é a falsa da casa de empena-fachada que demonstra toda a sua capacidade flexível de adaptação às diferentes possibilidades funcionais. Neste sentido, a falsa da Bretanha assemelha-se mais à falsa *moderna*, que se assume como um piso superior, de grande intimidade e importância no quotidiano, albergando uma série de “recantos” numa mesma divisão. O próprio carácter do espaço alte-

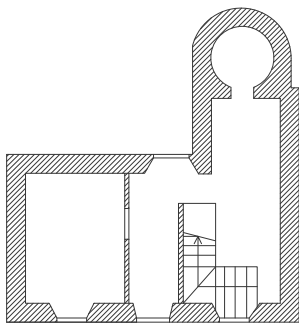
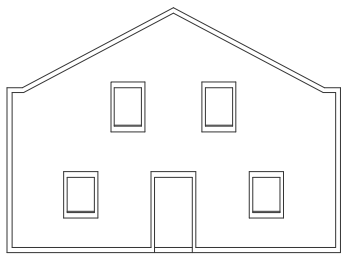
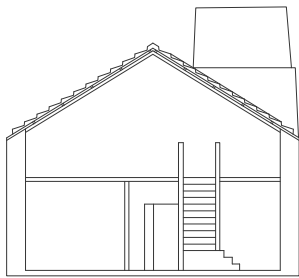
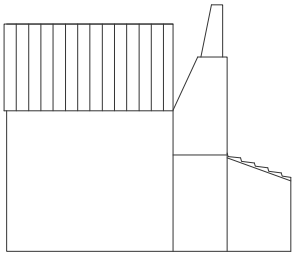


fig. 04.9

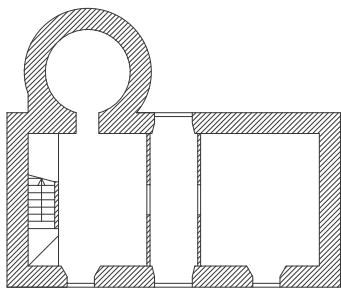


fig. 04.10



fig. 04.11

ra-se, tornando-se, ao contrário do piso térreo, um lugar íntimo, onde o calçado é por vezes deixado nas escadas. Na falsa, quando o pé-direito não permite aproveitamento do espaço para vivência, encontram-se zonas reservadas à arrumação. Divide-se por uma série de cortinas e alberga espaços de dormir, de trabalho ou de lazer, numa atitude mais descontraída que o piso inferior, mantendo sempre, no entanto, o asseio característico destas casas.

É na falsa que os habitantes geralmente dormem, deixando liberto o quarto de estado. No entanto, enquanto o quarto de estado é marcado pela mobília luxuosa e decoração exuberante, na falsa a mobília e a decoração são humildes (fig. 04.11).

As janelas da falsa para o exterior, privatizadas por cortinas - ao contrário do piso inferior, em total transparência para o exterior - permitem a vista privilegiada para o mar, para a rua, para o campo ou para a montanha, dependendo da orientação da casa.

no quintal



fig. 04.12



fig. 04.13



fig. 04.14

A principal qualidade da tipologia de casa de empena-fachada é a sua capacidade de se adaptar ao meio em que se insere e, de facto, a sua implantação varia consoante o terreno, o loteamento ou a vista pretendida. Devido às variadas posições em que a encontramos, a forma tradicional de quintal das casas populares do resto da ilha, não se verifica. O quintal tradicional que conhecemos pertence ao espaço tardo da casa e tem, geralmente, os seus limites claros e definidos, já que as casas respeitam a linearidade da rua e são definidas pelos limites das casas do lado. Na Bretanha, o quintal não é necessariamente o tardo da casa, podendo estar situado ao lado, ou até mesmo à sua frente, obrigando, por vezes, ao seu atravessamento até à entrada da casa.

A cada uma destas casas pertence também, à semelhança do que acontece na casa popular micalense, pelo menos, uma cozinha de cheiros e uma casa de despejo, as quais são tradicionalmente espaços muito privados, de grande intimidade, sistematicamente escondidos do domínio público e dos visitantes. Na Bretanha, este conceito altera-se inevitavelmente, estando, na maior parte dos casos, os volumes da cozinha de cheiros e da casa de despejo completamente visíveis da rua (fig. 04.12). Mesmo na freguesia de Santo António, por exemplo, onde a tipologia de empena-fachada é encontrada na disposição mais típica de São Miguel, paralela à rua com o quintal no tardo, a alheta entre as casas permite sempre, pelo menos, vislumbrar o quintal (fig. 04.13).

Para além da presença de quintais irregulares, a capacidade de adaptação destas casas ao território reflete-se, ainda, na dispersão da cozinha de cheiros, encontrada em maior ou menor proximidade da casa, e nas diferentes posições do forno. O forno, à semelhança de vãos da fachada que alteram a sua posição consoante a relação com a rua, é também encontrado em diversas posições, não estando obrigatoriamente na fachada tardo da casa, como é habitual nas casas populares micalenses, podendo situar-se, por exemplo, numa fachada lateral. As chaminés dos fornos denotam ainda algumas diferenças, no que se refere, à sua terminação superior, por vezes num ou dois tubulares (fig. 04.14).

Uma particularidade desta tipologia de casa, independentemente da implantação que ocupa, é a ausência de abertura de vãos nas fachadas que não a principal da empena. É já conhecida a complexa relação entre o micalense e o mar, e é interessante verificar que, em alguns casos, a casa volta-se para sul e recusa por completo a vista para o mar, como nos deparamos com alguns casos na parte central da ilha.

Para descrever a habitação do noroeste micalense, vários autores referem a presença de uma espécie de lareira primitiva “com um rudimento de chaminé, sem abertura mais do que uns interstícios”⁹⁴, situada ao ar livre no quintal - a borralheira -, no entanto não encontramos evidências da sua presença atualmente.

94 Pacheco, Eugénio (1987) *A Bretanha Michaelense (um problema ethnographico)*, pág. 50

04.4 Um caso de estudo



fig. 04.15



fig. 04.16

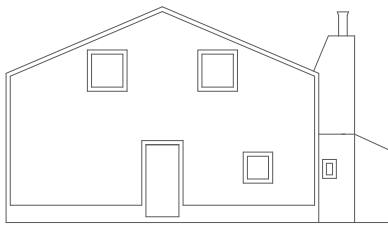
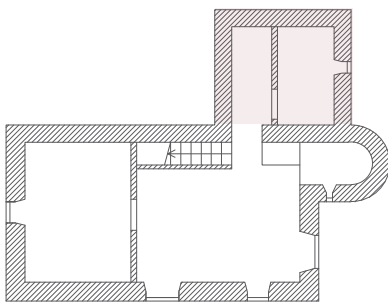
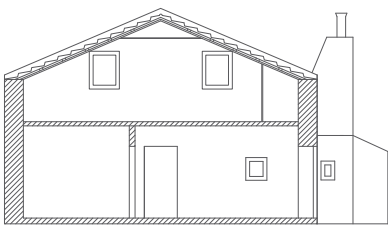


fig. 04.17



fig. 04.18

As visitas feitas à Bretanha permitiram conhecer o lugar, onde se conversou com os moradores, se visitaram algumas casas e foram feitos desenhos de levantamento. Como complemento à caracterização que fazemos da tipologia de empena-fachada da Bretanha, parece-nos pertinente apresentar um exemplo de uma casa visitada, como caso de estudo, para melhor compreensão da tipologia apresentada.

Para o efeito, escolhemos a casa do sr. António, no número 65 da rua da Assomada, no Pilar da Bretanha (coordenadas 37°54'04.5"N 25°45'31.7"W, conforme assinalado no mapa da fig. 04.3).

A casa encontra-se implantada ao lado de uma da tipologia de janela-porta-janela (fig. 04.16), da qual está separada por uma alheta (fig. 04.15), como é característico da tipologia da Bretanha que, invariavelmente, se isola das restantes. A casa do lado encontra-se desabitada, pelo que a sua visita e levantamento não foi possível.

A casa do sr. António situa-se perpendicularmente à rua e o que nos capta primeiramente a atenção é o facto de a janela do quarto de estado, geralmente desenhada na fachada principal da empena, se encontrar, neste caso, na fachada lateral que contata com a rua (fig. 04.16 e fig. 04.17). É necessário atravessar o quintal até à entrada da casa. Batemos à porta, ouvimos do fundo o típico *quim és?*, seguido de “está aberta!”, e entramos. Entramos diretamente na cozinha e é-nos imediatamente oferecida uma maçaroca de milho acabada de cozer.

O sr. António (fig. 04.18), de 93 anos, refere⁹⁵ ser natural do continente e ter vindo para São Miguel em serviço militar, em 1941, há setenta e cinco anos atrás, onde conheceu a sua esposa e se estabeleceu. Nessa altura, comprou a casa que estava já construída com a atual estrutura, que tem vindo apenas a restaurar desde então, mantendo a sua forma original. Refere-se à “sua casinha” com orgulho, que serve a função de lhe “abrigar as orelhas das águas”, onde vive sozinho desde o adoecimento da esposa e emigração dos filhos para o Canadá. Afirma com segurança a pré-existência da casa do lado e do desenho da rua e, quando é questionado sobre o porquê da forma e implantação da casa, afirma não ter uma explicação. Após breve reflexão sobre a disposição das casas na Bretanha, comenta, divertido: “é o seguinte, naquele tempo era tudo atoleimado, faziam um bocado de qualquer maneira, percebe?”⁹⁶.

95 Conversas informais com moradores da Bretanha.

96 Idem.



fig. 04.19



fig. 04.20

O convívio faz-se na cozinha, a qual admite não ser utilizada para preparar refeições, estando ligada ao forno, que é agora apenas utilizado como arrumo dos produtos alimentares. Do piso térreo consta, ainda, o quarto de estado, com a sua janela na fachada ligada à rua, o acesso à falsa e o acesso ao acrescento à casa, construído posteriormente, que alberga o quarto de banho e espaço para lavagem de roupa com tanque (fig. 04.17).

O acesso ao acrescento da casa e o acesso à falsa são feitos a partir da cozinha e estão camuflados por cortinas. Acede-se à falsa pela estreita escada escondida por detrás de uma cortina, onde o calçado é deixado antes de chegar ao cimo das escadas (fig. 04.19).

Na falsa o pavimento altera-se, passando a ser em madeira, e todo o espaço é definido por cortinas, separando recantos com zonas de estar, de dormir e de trabalho (fig. 04.21 e fig. 04.22). De um lado, quando o pé-direito já não permite estar de pé, há uma divisória em madeira que esconde espaço para arrumos. Não há aberturas na fachada de trás, nem nas laterais, apenas na fachada principal da empena (fig. 04.20), de onde a vista permite ver a rua, o mar distante e a paisagem da montanha em relevo crescente.



fig. 04.21



fig. 04.22



fig. 04.23

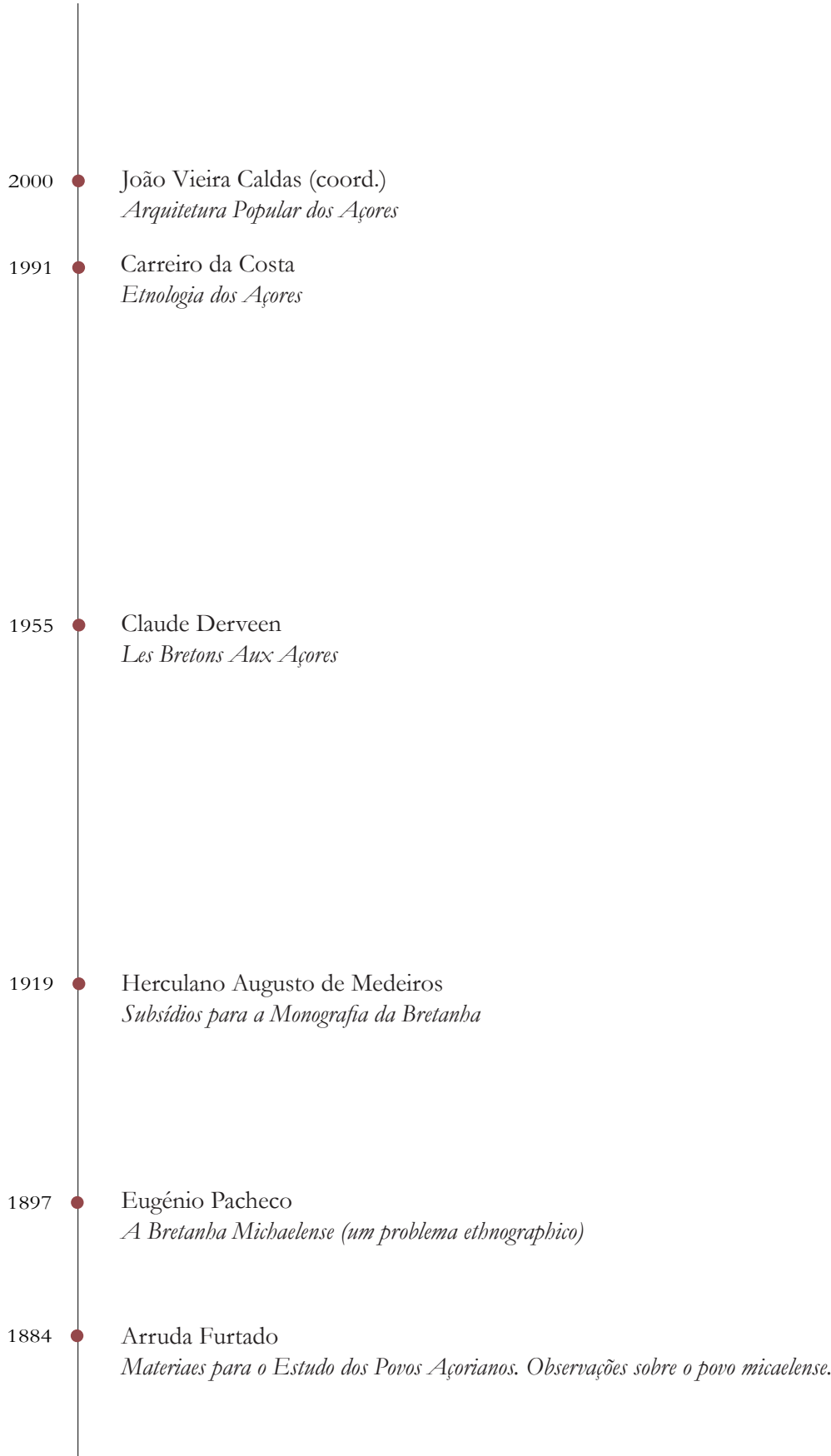
O volume do forno, em vez de estar adjacente à fachada posterior da casa, como é mais frequente, encontra-se na fachada lateral, junto a uma porta de acesso direto da cozinha para o quintal (fig. 04.23).

O quintal é disperso, estende-se em direção ao mar, em terreno utilizado para plantação própria, e dispõe de dois volumes dependentes da casa: uma cozinha de cheiros e uma casa de despejo (fig. 04.24).

Enquanto nas Capelas se sente o cheiro da maresia e o som das vagas contra a costa, aqui estabelece-se uma relação longínqua com o mar e uma ligação mais próxima com a terra, e reina o silêncio próprio do lugar.



fig. 04.24



04.5 A possível origem francesa

A casa que descrevemos, mais estreita e alta, com a empena voltada para a entrada e disposta de forma invulgar no território, está associada sobretudo à paisagem da Bretanha (de Santo António a Pilar). A origem desta tipologia é, no entanto, desconhecida, bem como a origem da própria Bretanha e dos seus povoadores, pela ausência de documentos conhecidos. Esta questão tem sido alvo de interesse ao longo dos anos por parte de vários etnógrafos e antropólogos micalenses, que têm vindo a demonstrar curiosidade pelo problema e gerado alguma polémica.

“A existência de uma grande freguesia com o nome da Bretanha, na região noroeste da ilha de S. Miguel, tem despertado através dos tempos uma natural curiosidade, não só por parte dos micalenses, mas sobretudo dos numerosos estrangeiros que a visitam - todos interessados em saber a origem de tão sugestivo topónimo inspirado na famosa província francesa de mesmo nome.”⁹⁷

Pela romântica associação entre o topónimo Bretanha e a região francesa do mesmo, a hipótese mais frequentemente formulada é a de uma possível origem francesa nesta zona da ilha - “Quanto à pretendida influência da Bretanha francesa, tem sido, como sabemos, uma questão muito controversa”⁹⁸. A hipótese é tentadora pela originalidade do modelo e pela ocorrência sistemática na zona da Bretanha micalense, que é “muito ocasional noutros sítios da ilha ou do arquipélago (surge em Santa Maria, mas com um aspecto um pouco diverso)”⁹⁹. Tem sido a hipótese mais explorada entre os estudiosos, adensada pela própria população que, ainda nos dias de hoje, reconhece os seus ancestrais como franceses e procura justificações para esta possibilidade.

O cronista Gaspar Frutuoso, no século XVI, é dos primeiros a referir a Bretanha e procurar justificação para a sua toponímia, afirmando:

“Chama-se este lugar da Bretanha (segundo alguns) porque é terra alta e grossa, a que chamavam os antigos alta Bretanha; outros dizem que por morar ali antigamente e ter suas terras e fazenda um bretão.”¹⁰⁰

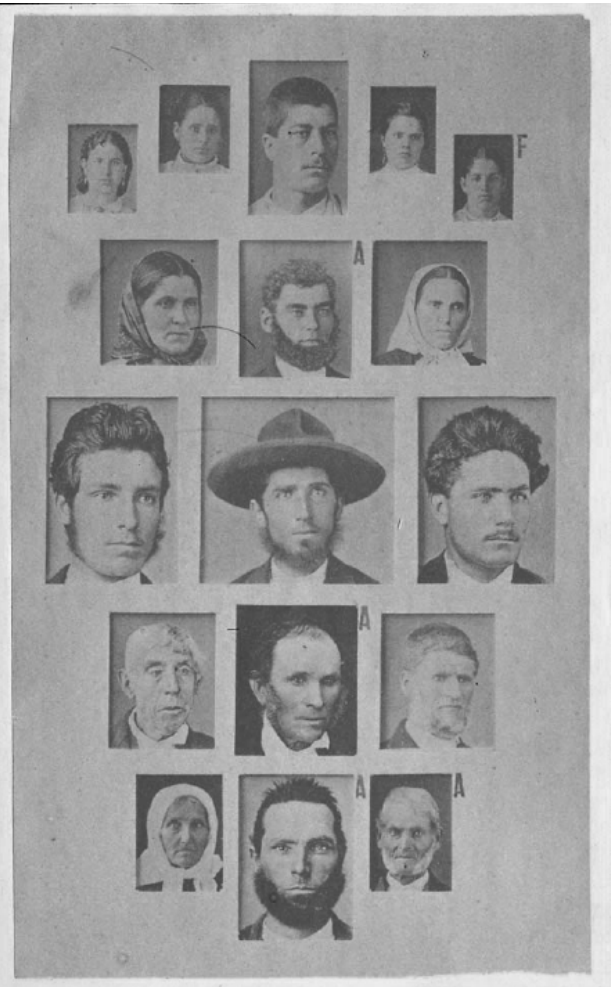
97 Costa, Carreiro da (1989). *Etnologia dos Açores*. Volume 1. pág. 383
98 Pavão, José Almeida (1919). *Aspectos Populares Micalenses*. pág. 53
99 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitetura Popular dos Açores*. pág. 130
100 Frutuoso, Gaspar (1522-1591). *Saudades da Terra*. Livro IV. pág. 209-210

No século XIX, é a tese de Arruda Furtado¹⁰¹ que constitui um importante contributo para a teorização do problema, ao proceder ao estudo antropológico dos povos açorianos e ao desenvolver uma análise das características físicas e psicológicas do camponês micaelense, levantando uma questão interessante ao nível da sua **fisionomia** (fig. 04.25). Arruda Furtado aponta para a forte presença de atributos celtas, supostamente provenientes de colonos da Bretanha francesa, enquanto traça uma quadro psicológico que aponta semelhanças com os Minhotos. Afirma que a população micaelense, por muito heterogénea que se apresente, possui um conjunto de características comuns que a isolam e a distinguem de todas as ilhas do arquipélago e, em particular, do continente. Arruda Furtado confirma a distinção fisionómica entre os camponeses micaelenses e os continentais, assinalando diferenças nas proporções cranianas, na estatura menos elevada, na frequência de olhos verdes e ausência de olhos azuis e, ainda, em maiores proporções de narizes convexos. Com base neste estudo, Arruda Furtado constata, em particular, as diferenças existentes entre os habitantes da Bretanha e os restantes micaelenses:

“A mesma povoação da Bretanha é além disto duma notabilidade vulgar pelo seu tipo fisionómico distintíssimo e duma correcção excepcional em ambos os sexos, como o de S. António, povoação vizinha.”¹⁰²

Eugénio Pacheco confirma uma relação direta entre a fisionomia dos bretões franceses e os bretões micaelenses:

“O ar d’aquellas cabeças, meio-brchycephalas, narizes regulares, finos, labios delgados duma curvatura sempre predisposta para o sorriso benevolente ou compassivo, a proeminencia do frontal, revelando um longo exercicio cerebral, inteligente na raça, a frequencia dos olhos azues e verdes, com os cabellos claros, a estatura elevada, gracil e delicada, a pelle setinosa e transparente das mulheres e, sobretudo, o falar vagaroso, pausado e reflectido, um pouco guttural, nos homens, imprimindo dolencias graciosas á entonação da voz, a longa prólação das vogaes nas phrases exclamativas ou admirativas das creanças e gente moça, todos estes Caracteres deram-nos uma illusão perfeita do Bretão michaelense.[sic]”¹⁰³



106 fig. 04.25

101 Furtado, Francisco de Arruda (1884). *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*.
102 Idem, Ibidem. pág. 61
103 Pacheco, Eugénio (1987) *A Bretanha Michaelense (um problema ethnographico)*. pág. 51

e, ainda, Claude Derveen, uma escritora de Nantes (Bretanha francesa), a propósito da sua visita a São Miguel em 1955, comenta:

“Visitei as escolas da freguesia da Bretanha, observei as crianças e perguntei-lhes os seus nomes. Mas, há cinco séculos, quando os emigrantes chegaram, a maioria do povo usava nomes e apelidos que rapidamente se tinham “aportuguesado”. Entre os Lourenço, Miguel, João, Maria, Ana, de hoje, alguns têm olhos negros e a pele neutra dos portugueses, outros os olhos claros e os cabelos loiros ou acinzentados, que conhecemos entre os nossos. Diz-se em São Miguel que as raparigas mais bonitas da ilha são as da freguesia da Bretanha...”¹⁰⁴

Para além da fisionomia, outra particularidade interessante e muito explorada como justificação de uma origem francesa é o **sotaque** acentuado que se faz sentir no extremo noroeste de São Miguel. Carreiro da Costa, ao reconhecer o problema, comenta este fenómeno.

“o ‘u’ francês, que tanto caracteriza a pronúncia micalense, tem na Bretanha mais declarado acento francês, independentemente de outros pormenores de pronuncia como a tendência dos respectivos habitantes para anasalar o ‘e’ («estivenses», como anotou Arruda Furtado) e para articular o ditongo ‘ou’.”¹⁰⁵

Segundo Carreiro da Costa é possível identificar palavras e expressões populares com origens francesas, reconhecíveis ainda hoje, em especial entre os moradores mais antigos. É, por exemplo, frequente ouvir a expressão *quim és?* quando se bate à porta, que nos soa nitidamente ao francês *qui-est-ce?*, palavras como *instrumentable* e *trovar*, referindo-se a primeira a coberta de mesa, mas soando ao francês *chemin de table*, a segunda querendo dizer *encontrar*, ou seja, *trouver*. Esta questão é complementada por Nogueira, que ressalta o acento do “u” micalense, muito semelhante ao francês:

“ainda a Bretanha se destaca do resto da ilha pela pronúncia do ‘u’, que é puramente francês, assim como o ditongo ‘oi’ se modifica para ‘eu’ dos franceses, pronunciando-se por exemplo ‘bois’, como um francês pronunciaria como «bouech».”¹⁰⁶

104 tradução livre de **Dervenn**, Claude (1955). *Les Bretons aux Açores*.
105 **Costa**, Carreiro da (1989). *Etnologia dos Açores*. Volume 1. pág. 384
106 **Nogueira**, J. V. Paula (1894). *As Ilhas de S. Miguel e Terceira*. pág. 71-72

e ainda por Derveen, aquando da sua visita à Bretanha micalense:

“Se se inicia uma conversa com os locais (camponeses), apercebemo-nos que eles pronunciam o *u*, assim como os nasais *on* e *an* da vila de «João-Bom», à francesa. Certas palavras soam-nos familiar: *madame, venir, ben trouvé, conveniable, mer* (e não como *mar* em português), o *guernel*, que designa o sótão que os nossos patoá rurais do país *gallo* chamam ainda de *guernier*.”¹⁰⁷

Outra questão curiosa desta zona da ilha é a da **toponímia** das freguesias, que parece encontrar correspondências em França – “vestígios da presença estrangeira podem ser observados na toponímia (e.g. Bretanha, na ilha de São Miguel)”¹⁰⁸. O nome da freguesia de *João-Bom*, na fonética micalense *jambom*, aponta para uma possível relação com o terceiro duque da Bretanha francesa, Jean-Bon. Claude Derveen afirma:

“Nas cinco vilas do distrito, encontramos denominações que poderiam ser das nossas vilas bretãs: Nossa Senhora dos Remédios – como o nosso Rumengol – uma Santa Bárbara (Saint-Barbe), um Santo António (Saint-Antoine), venerados como em nossa casa. As pequenas casas caiadas de branco dispostas em linhas perpendiculares à costa, têm empenas voltadas para Oeste como têm os nossos pen-ty e, à tardinha, as filas de vacas pretas e brancas entram para o estábulo entre os arbustos de silvas.”¹⁰⁹

Em 1919, o padre Herculano Augusto Medeiros defende a sua tese que se baseia num documento datado de 1515, que se refere a uma demanda em 1510 onde são descritos terrenos que identifica como Remédios e Bretanha, mas que nessa altura eram conhecidos por Capelas, nome dado a todo o Noroeste micalense. Segundo escreve, o nome *Bretanha* só surge em 1527 no Livro do Almojarife, quando neste se faz referência à *Alta Bretanha* (como a *Haute Bretagne* francesa). Com base neste pressuposto desenvolve a sua teoria e admite o desembarque de bretões franceses em São Miguel.

107 tradução livre de **Dervenn**, Claude (1955). *Les Bretons aux Açores*.
Patoá (do francês *patois*) é uma palavra que, mesmo não tendo uma definição formal no campo da linguística, foi inventada em França, e é usada para desqualificar uma língua, catalogando-a de dialeto sem literatura, rebaixando-a a uma simples categoria de dialeto familiar que não pode, de nenhuma maneira, ser considerada uma língua.
108 **Bernardo**, Maria Clara Pimentel da Costa Rolão (1999). *Aspectos da Variação Fonética do Vocalismo Micalense*.
109 tradução livre de **Dervenn**, Claude (1955). *Les Bretons aux Açores*.

“É nossa convicção, que foi precisamente entre 1515 e 1527 que alguns bretões, saídos da sua pátria, por motivos desconhecidos, quiçá fugidos às perseguições políticas, vieram ali aportar e se estabeleceram, dando a esse quase deserto rincão da nossa ilha o nome do seu país.”¹¹⁰

De facto, a toponímia da Bretanha sofreu alterações ao longo do tempo. Segundo o padre Herculano Augusto Medeiros, até 1515 era denominada de Capelas, bem como todo o Noroeste micaelense. A partir de 1527 surge o nome *Alta Bretanha* ou *Britanha*, referindo-se às atuais freguesias dos Remédios, Ajuda e Pilar, tendo sido eventualmente atualizado para *Bretanha*. Em 1960, o lugar dos Remédios é desanexado da Bretanha, dando lugar à nova freguesia dos Remédios. Em 2002, a freguesia da Bretanha é extinta e são criadas as freguesias da Ajuda da Bretanha e Pilar da Bretanha em seu lugar.

110 **Medeiros**, Herculano Augusto de (1919). *Subsídios para a Monografia da Bretanha*. pág. 560

04.6 A importância do lugar

De acordo com o que referimos anteriormente, o povoamento da ilha de São Miguel iniciou-se na Povoação, a sudeste, e avançou de este para oeste ao longo da costa sul. A costa norte foi a última a ser povoada, onde o mar se mostra mais bravo, o que pressupõe que o noroeste micalense, e portanto, a Bretanha, tenha sido dos últimos lugares de povoação. Para além da lógica do que terá sido o rumo natural de povoamento, é já sabido que, durante os primeiros séculos após o povoamento, a ilha terá sofrido inúmeras alterações morfológicas devido às constantes ameaças sísmicas e vulcânicas, tendo a maioria afetado o noroeste. Esta questão condiciona, a nosso ver, a probabilidade do estabelecimento de povoados nessa zona até ao século XIX, sendo que, ainda em 1852, há a notícia de um terramoto ter arrasado a zona da Bretanha.

Os documentos que abordam o problema da origem da Bretanha e elaboram teorias da sua possível relação com a Bretanha Francesa, baseiam-se nos traços fisionómicos dos habitantes, no seu sotaque e na toponímia do lugar. No entanto, nos registos mais antigos de natalidade da freguesia não são encontradas evidências de apelação francesa nem é feita referência à chegada de franceses ao lugar, o que nos é confirmado pelo cronista Gaspar Frutuoso que, em seis livros¹¹¹, nos descreve exhaustivamente a situação de toda a ilha e a sua população do século XV, abstendo-se, no entanto, de aventar qualquer possível relação com a Bretanha francesa. É ainda segundo a obra de Frutuoso que nos damos conta que a toponímia que corresponde a qualquer uma das freguesias de São Miguel, justifica a morfologia do seu território, pelo que “Bretanha” - “pedaço alto de terra”¹¹² - não será exceção.

O estudo da arquitetura das suas casas não consta, no entanto, das preocupações dos etnógrafos que encaram o problema. É só em 1950, na descrição de Claude Derveen da Bretanha micalense¹¹³, que são mencionadas as casas e é estabelecida uma relação com as *penty* francesas, que voltam as suas empenas a oeste. Contudo, a casa de empena-fachada demonstra total liberdade para orientar a sua empena para qualquer direção e, de acordo com a pesquisa efetuada, não encontramos relações formais com a habitação rural francesa da época.

Para além de apenas primeiramente mencionadas em 1950, as casas da Bretanha apresentam ainda um tipo de construção que revela conhecimentos construtivos mais complexos e evoluídos que as demais casas populares micalenses, o que é visível, por exemplo, na sua altura, na dimensão dos vãos e na forma das suas chaminés, indiciando, a nosso ver,

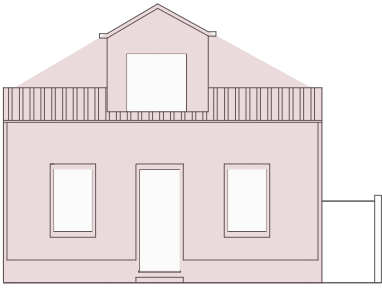
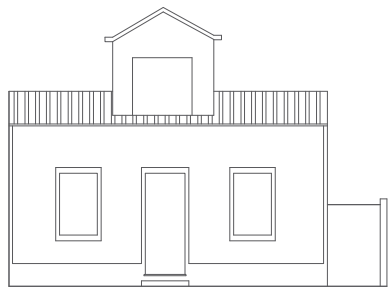
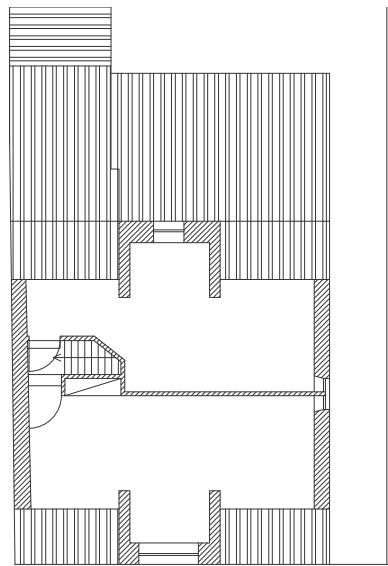
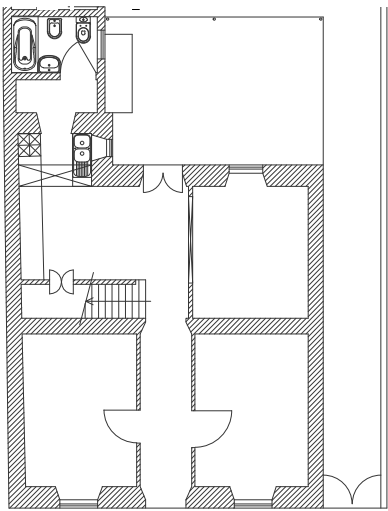
111 Frutuoso, Gaspar (1522-1591). *Saudades da Terra*. Livros I ao XVI.
112 Idem. *Saudades da Terra*. Livro IV
113 Derveenn, Claude (1955). *Les Bretons aux Açores*.



fig. 04.26



fig. 04.27



114 fig. 04.28
Casa nas Furnas com mansarda, escala 1:200

fig. 04.29
Possível evolução da mansarda, escala 1:200

tratar-se de uma arquitetura que data do século XX.

As hipóteses da Bretanha micaelense ter sido povoada por colonos provenientes da Bretanha francesa ou, como defende Eugénio Pacheco sem provas documentais¹¹⁴, por franceses através da via central da Estremadura e Alto Alentejo, como justificações para a invulgar volumetria “parecem, no entanto, demasiado vagas e forçadas”¹¹⁵.

Em visita às casas da Bretanha e das conversas com os seus moradores mais antigos, chegamos sempre à mesma conclusão. A maioria das suas casas datam de há cinquenta, setenta ou, no máximo, cem anos, e foram construídas pelas mãos dos próprios habitante, tendo por base a cópia pelo vizinho. Parece-nos um fenómeno interessante, este da possibilidade do surgimento de uma tipologia segundo consecutiva reprodução da casa do lado.

Seria, porém, irrealista limitar o fenómeno da Bretanha a uma manifestação de trans-lados, sendo nossa opinião tratar-se de um caso derivado de vários fatores. Acerca deste tema, lê-se no inquérito à arquitetura popular micaelense:

“O mais provável, dado o carácter moderno que este modelo de casa assu-me, é que seja o resultado de uma popularização do gosto, só possível a par-tir do século XIX com o retorno dos emigrantes e a influência dos modelos eruditos de origem urbana, quer insular (as empenas-frontões das «casas inglesas» de Ponta Delgada), quer americana (o «chalet» apreendido como casa moderna). (...) Esta popularização, que se traduziria numa imitação for-mal, isto é, de fachada, recairia sobre o signo mais forte apreensível destas construções: as duas águas afirmativas evocando o frontão ou o telhado do «chalet».”¹¹⁶

Com efeito, parece-nos credível esta hipótese de uma popularização do gosto possi-bilitada pelo retorno dos emigrantes que anseiam materializar aqui um modelo de casa mo-derna. A casa empena-fachada poderá ser uma evolução da falsa com mansarda (figs. 04.28 e 04.29), típica da Povoação e das Furnas, mas também muito presente em casas da freguesia de Santo António. A falsa das casas da Bretanha assemelha-se à falsa *moderna*, pelo pé-direito e tipo de uso que é feito do espaço, o que nos incentiva a crer tratar-se de uma arquitetura mais recente, que se serve da mansarada como pretexto de crescimento e evolução da falsa.

114 Pacheco, Eugénio (1987) *A Bretanha Michaelense (um problema ethnographico)*.
115 Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*, pág. 130
116 Idem. Ibidem.



Contudo, o que nos parece ser o principal motivador da tipologia de casa que surge na Bretanha é o território. Só o lugar nos pode informar acerca da implantação destas casas e justificar a sua forma. Segundo vimos, o Noroeste micalense - e em particular, a Bretanha - define uma parte da ilha onde o relevo é bastante mais acidentado e a altitude é elevada, o que compromete a relação do território com o mar. O mar a norte é, na verdade, mais atroz e impetuoso, o que, aliado à altitude do terreno, reduz a relação de proximidade que tanto caracteriza a vivência micalense a uma relação estritamente visual. De facto, e segundo o que estudámos, o mar representa um papel fulcral na vida micalense e é de extrema importância para a compreensão do assentamento dos povoados, do desenho das primeiras ruas, implantação e orientação das casas e o tipo de convívio que se sente nas ruas. Parece-nos natural que, quando esta relação se altera ou se anula por consequência do território, a implantação e o tipo de casa não se mantenha semelhante.

A casa da Bretanha mostra-se mais alta para ver o mar e orienta-se com liberdade para qualquer direção porque, de facto, nesta ponta da ilha, o mar constitui um horizonte infinito para ocidente, norte e oriente. A irregularidade das ruas desta zona, motivadas ainda pela irregularidade do território, impede o parcelamento tradicional do terreno e dificulta a típica implantação fiel à linearidade da rua.

Por se tratar de um lugar isolado, disperso e pouco povoado, devido à sua posição afastada dos centros urbanos e ao desgaste das ações sismovulcânicas ao longo dos anos, o sotaque será aqui, naturalmente, mais acentuado. As palavras e expressões francesas a que os curiosos se referem, são encontradas em toda a ilha, não apenas na Bretanha, bem como expressões oriundas de outros países como Espanha, Itália ou Estados Unidos. A ilha de São Miguel é, de facto, um lugar com uma origem cultural diversificada, sem que nenhuma possível origem possa ser descartada como hipótese. Não se encontram, no entanto, provas documentais que comprovem a teoria de uma relação direta com a Bretanha francesa, pelo que podemos apenas especular. Encontramos sim, por outro lado, um lugar com características tão distintas do resto da ilha, capaz de motivar uma arquitetura excecional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

considerações finais

O lugar é vital no fundamento da Arquitetura e é, possivelmente, o objeto mais essencial para a sua percepção e compreensão. “Cada lugar tem um rosto”¹¹⁷ e, por lugar, entende-se o ambiente resultante das características físicas de um determinado espaço, nomeadamente no que se refere ao seu relevo e clima.

A ilha de São Miguel é, de facto, um lugar particular, muito marcada pela posição geográfica isolada em que se encontra, pelas frequentes ameaças naturais do seu território, pela forte relação que estabelece com o mar e pelo seu clima instável. Neste sentido, e se é o lugar que guarda a maioria dos fenómenos do seu habitat¹¹⁸, um ambiente com características tão específicas como a ilha de São Miguel, será o principal responsável pela construção da identidade do povo micalense e da sua arquitetura.

“Sem o paradigma da paisagem e da memória, flutuamos num tempo in-temporal, alienados e sem referências próprias e concretas. É novamente a história, no seu estudo, reavaliação e interiorização que podemos reencontrar o nosso futuro, sintonizando-nos com os elementos culturais que nos distinguem e nos fazem singulares.”¹¹⁹

À semelhança do lugar, a memória é fulcral no desenvolvimento da habitação em São Miguel, a qual reserva espaço para uma longínqua tradição. O lado mais negro da paisagem afirma-se, ao longo do tempo, através de tempestades, tremores de terra e erupções vulcânicas, provocando a destruição total ou parcial dos aglomerados habitacionais. Para além das consequências psicológicas e culturais visíveis na população, as ameaças naturais forçam “um corte radical e efectivo com o passado dos lugares”¹²⁰.

A identidade regional não teria, então, o seu encanto sem a mística da sua paisagem e sem o apego à memória e tradição. Neste sentido, a presente dissertação celebra o território micalense e a conquista do povo na paisagem.

“A nossa ligação ao concreto, à paisagem natural e ao território torna-se, assim, um elemento indispensável de identidade e especificidade, onde a textura e os tons da arquitetura (tecido urbano e edifícios) definem um povo.”¹²¹

117 Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. pág. 14
118 Idem. Ibidem, pág. 15
119 Idem. Ibidem, pág. 13
120 Idem.
121 Idem. Ibidem, pág. 14

Refletiu-se sobre a importância do lugar, com todas as suas especificidades, na formação da índole micaelense, um povo que chega de inúmeras proveniências e encontra na ilha uma série de condicionantes que lhe moldam o carácter e lhe traçam um modo de vida. A base multicultural da população é visível no seu sotaque, fisionomia e influências arquitetónicas mas, é ainda mais evidente, a importância que a geografia tem na vida insular, marcando o contraste vivido entre o inevitável isolamento e a possibilidade de contato com o resto do mundo. Como resposta à angústia provocada pela instabilidade da terra, o micaelense encontra na religião um forte refúgio e vê no mar, constante cenário da vida insular, simultaneamente, seu libertador e aprisionador. Deste modo, admite-se ainda, o destaque do mar na vida insular, fundamental para a compreensão do micaelense, como característica intrinsecamente ligada à sua identidade.

Refletiu-se sobre a importância do lugar na construção da identidade arquitetónica regional, enquanto se procurou estabelecer uma tipologia de casa popular micaelense, que terá por base, inevitavelmente, a memória e a tradição. A implantação das casas é um reflexo da paisagem que encontra, da proximidade com o mar e do tipo de relevo, a qual é feita necessariamente na iminência do mar mas, inexplicavelmente, por vezes, virando-lhe as costas. A tradição do desenho da fachada é claro, tratando-se de uma arquitetura pautada pela simplicidade e que não perturba o cenário da ilha. A sua organização interior deixa transparecer com clareza o modo de vida do povo micaelense, bem como o seu carácter, na sua cortesia e hospitalidade. Afinal, a casa popular micaelense difere ao longo da ilha apenas segundo as especificidades territoriais com que se depara e de acordo com o que a paisagem oferece, enquanto reflete a mentalidade popular.

Após a sistematização e entendimento da identidade popular e da sua arquitetura, refletiu-se, ainda, no caso da Bretanha como exceção evidente no panorama insular. Apesar da diversidade formal de casas que encontramos em São Miguel, a tipologia da Bretanha mostra-se a mais divergente na ilha pelo seu modo de implantação e de contato com o território, e pela sua forma e fachada. Pela toponímia do lugar e pela identificação de fenómenos como o sotaque acentuado e a fisionomia distinta dos habitantes da região, surge a hipótese de uma origem relacionada com a Bretanha francesa, elaborada por etnólogos e aventada pela vontade popular. No entanto, apesar da suspeita que justificaria a presença de uma tipologia díspar, interessámo-nos pela sua causa mais primária e imediata, debruçando-nos, mais uma vez, naquele que é o principal responsável pelos fenómenos da habitação: o lugar.

Ao longo do trabalho demonstrou-se a capacidade do lugar de motivar a forma e implantação das habitações da ilha de São Miguel e, no percurso até à Bretanha e nas conversas tidas com moradores locais, esta questão voltou a tornar-se evidente. É, de facto, indiscutível, a importância do lugar na construção da identidade, do “espírito” das freguesias, que se altera ao longo do percurso e se manifesta de acordo com a alteração do lugar e ambiente em que se encontram.

Na Bretanha, as casas implantam-se de forma aparentemente aleatória, relacionando-se com a envolvente de forma interessante. O distanciamento do mar e a altitude que o território apresenta, originam um ambiente distinto, mais silencioso, com um clima mais seco e sem a maresia, tão característica na ilha. Devido ao relevo acentuado e acidentado que apresenta, o parcelamento é, inevitavelmente, irregular e, neste sentido, não é permitido às casas a implantação linear à rua mais frequente, já que a rua é também, por si só, irregular.

À forma e composição da fachada atribuímos a possibilidade de evolução da fachada com presença de mansarda para a de empena-fachada da Bretanha. Relacionamos este argumento com o retorno dos emigrantes e a popularização do gosto, cópia pelo vizinho e ânsia de enaltecimento popular, relembrando a importância que o tema da emigração tem continuamente na vida insular.

A organização interior segue a tradição micaelense, diferenciando apenas na adaptação ao território. Enquanto que, na zona central da ilha, o mar é uma constante na atividade do quotidiano, à altitude da Bretanha, esta relação altera-se. O mesmo acontece com o território, que cresce em relevo até às Sete Cidades e perde altitude abruptamente no contato com o mar, não favorecendo uma forte vivência exterior, mas antes, uma relação visual com a envolvente. A organização interior das casas da Bretanha adapta-se a esta relação, erguendo-se para ver a paisagem e rasgando grandes vãos, para onde é orientado todo o espaço interior. A falsa assemelha-se à sua interpretação mais contemporânea por se tratar de uma arquitetura mais recente (supomos que do século XX), o que é visível ainda nos métodos construtivos.

Alguns estudos e inventários patrimoniais têm sido realizados sobre a arquitetura popular dos Açores sem que, no entanto, até ao presente, tenha sido analisada de forma mais próxima e crítica a tipologia de casa da Bretanha. A presente dissertação pretendeu relevar o problema da incógnita da origem deste tipo de casa, dar continuidade ao debate acerca do carácter excecional da Bretanha e, de certo modo, sem rejeitar por completo a teoria de uma possível origem francesa, contribuir com uma nova interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albergaria, Isabel Soares de (2012). *A Casa Nobre na Ilha de S. Miguel: Do Período Filipino ao Final do Antigo Regime*. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior Técnico.

Albergaria, Isabel Soares de (2012). “*Arquitectura Regional*”. *Debates e Propostas em Torno da Casa Açoriana na I República*. Universidade dos Açores. Centro Gaspar Frutuoso.

Albergaria, Isabel Soares de. *Na Forja da “Arquitectura Regional”. Entre o determinismo geográfico e as desinências nacionalistas: o caso açoriano*. Universidade dos Açores.

Almeida, Rui Miguel Goulart (2012). *Território e Paisagem na Ilha de São Miguel. Séculos XV a XVIII*. Edição Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura.

Ataíde, Luis Bernardo Leite de (1975). *Etnografia. Arte e Vida Antiga dos Açores*. Volume IV. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Edição - Presidência do Governo/Direcção Relgional da Cultura 2011.

Ataíde, Luis Bernardo Leite de (1973). *Etnografia. Arte e Vida Antiga dos Açores*. Volume I. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Edição - Presidência do Governo/Direcção Relgional da Cultura 2011.

Ataíde, Luis Bernardo Leite de (1919). *Apontamentos Sobre Arquitectura Regional*. in Revista Micaelense.

Baptista, Adelaide (1995). *São Miguel. Nordeste e o Princípio da Ilha. Éter/Jornal da Cultura*.

Bensaúde, Alfredo (1934). *Etnografia Açoriana* in Revisra Insula Junho de 1934.

Bernardo, Maria Clara Pimentel da Costa Rolão (1999). *Aspectos da Variação Fonética do Vocalismo Micaelense*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Cabral, Conceição e **Melo**, Maria Orísia (2010). *Açores. Quem Somos, Porque Somos*. Ponta Delgada.

Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos.

Costa, Carreiro da (1970). *Perfil Histórico das Ilhas de São Miguel e de Santa Maria*. Ponta Delgada.

Costa, Carreiro da (1978). *Esboço Histórico dos Açores*. Instituto Universitário dos Açores, Ponta Delgada.

Costa, Carreiro da (1989). *Etnologia dos Açores*. Volume 1. Lagoa, Câmara Municipal.

Costa, Carreiro da (1991). *Etnologia dos Açores*. Volume 2. Lagoa, Câmara Municipal.

Dervenn, Claude (1955). *Les Açores*. Horizons de France.

Dervenn, Claude (1955). *Les Bretons aux Açores*.

Dourado, Rita e **Rodrigues**, Sérgio (2012). *Arquitectura Popular dos Açores* In Açoriano Oriental Outubro.

Federic, Marco (1973). *Portugais et Betons dans l’Atlantique: Histoire Nautique, Histoire Maritime*. Centre d’Etudes Portugaises et Luso-Bresilinnnes, Klincksieck, Paris.

Fernandes, José Manuel (2008). *A Casa Popular do Algarve: espaço rural e urbano, evolução e actualidade*. CCDRA.

Fernandes, José Manuel (1996). *Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica Portuguesa, quadro histórico do século XV ao século XVIII*. Porto: FAUP Publicações.

Fernandes, José Manuel e **Janeiro**, Ana (2009). *Arquitectura Contemporânea nos Açores*. Presidência do Governo Regional dos Açores/Direccção Regional da Cultura.

Ferreira, Ana Carolina Sousa (2011). *Arquitectura popular da Vila de Nordeste : apontamentos para a sua reabilitação*. Prova Final, Prof. responsável Clara Pimenta do Vale. - Porto : Faup, 2011.

Ferreira, Vitor Matias (1999) *Cidades de Água, Mar Urbano*. in Actas do Colóquio Comemo- rativo dos 450 Anos da Cidade de Ponta Delgada.

Frutuoso, Gaspar (1522-1591). *Saudades da Terra*. Livros I ao XVI. Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Furtado, Francisco de Arruda (1884). *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Micaelense*. Ponta Delgada, Tip. Popular.

Fidalgo, Manuel Caçoilo (1995). *Açores: Ensaios de Sociologia*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.

Leite, José Guilherme Reis (2012). *Os Flamengos na Colonização dos Açores*. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, LXIX, LXX: 57 a 74.

Marinho dos Santos, João. *Os Açores nos sécs. XV e XVII*. Volumes 1 e 2. Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

Marques, A.H. de Oliveira (1995). *Bretanha e Portugal no século XV*. Universidade dos Açores.

Medeiros, Herculano Augusto de (1919). *Subsídios para a Monografia da Bretanha*. Arquivo dos Açores.

Nemésio, Vitorino (1932). *Sob os Signos de Agora*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Nemésio, Vitorino (1932) *Açorianidade* in Insula nº7/8.

Nemésio, Vitorino (1932). *O Açoriano e os Açores*.

Nemésio, Vitorino (1956). *Corsário das Ilhas*.

Nogueira, J. V. Paula (1894). *As Ilhas de S. Miguel e Terceira*. Administração do «Portugal Agrícola».

Norberg-Schulz, Christian (1941). *The phenomenon of Place*. From Architecture Association Quarterly 8, nº4.

Pacheco, Eugénio (1987) *A Bretanha Michaelense (um problema ethnographico)*. Extrato de uma comunicação ao Prof. Vincenzo Grossi, Outubro de 1897.

Pavão, José Almeida (1919). *Aspectos Populares Micaelenses*. Secretaria Regional da Educação e Cultura. Angra do Heroísmo.

Pires, António M. B. Machado (1978). *Emigração, Cultura e Modo de Ser Açoriano*. Comunicação apresentada no Congresso dos Emigrantes Açorianos, Angra do Heroísmo.

Pires, António M. B. Machado (1955). *O Homem Açoriano e a Açorianidade*.

Rial, Carmen Sílvia (1992). *Da Casa Açoriana à Casa Decorada: ensaio de estética popular*. Revista Crítica de Ciências Sociais nº 34. Universidade Federal de Santa Catarina.

Ribeiro, Orlando (1962). *Aspectos e problemas da Expansão Portuguesa*. Lisboa, Estudos de Ciências Políticas e Sociais.

Rodrigues, Maria Inês Vieira (2012). *Rabo de Peixe: sociedade e forma urbana*. Dissertação de mestrado integrado, Prof. responsável Álvaro Domingues. - Porto: Faup.

Rodrigues, José Damião (2003). *São Miguel no século XVIII. Casa, Elites e Poder*. Volumes 1 e 2. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Rodrigues, José Damião (2002). *A Casa como Modelo Organizacional das Nobrezas de São Miguel (Açores) no século XVIII*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 36, Editora UFPR.

Salvi, Rejane (1990). *Panorama Açoriano*. Ponta Delgada, Instituto Cultural.

Sousa, João Soares de Albergaria (1822). *Corografia Açoriana. Descrição Física, Política e Histórica dos Açores*.

Távora, Fernando (2006). *Da Organização do Espaço*. Porto: Faup publicações.

Viveiros, Natacha Fernandes da Ponte (2001). *Projectar em S. Miguel : sobre o lugar, informante da prática do desenho enquanto projecto*. Prova Final, Prof. responsável Manuel Mendes. - Porto: Faup.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

01. O LUGAR

fig. 01.1 -Mapa de localização da ilha de São Miguel no continente português e localização da Bretanha na ilha de São Miguel.
Desenho nosso produzido com base em mapas retirados do Google Maps.

fig. 01.2 - Mapa do território e relevo na ilha de São Miguel.
Edição nossa. Fonte: http://www.mapas-portugal.com/Mapa_Ilha_Sao_Miguel_Portugal.htm

fig. 01.3 - Freguesia das Sete Cidades.
Fotografia nossa.

fig. 01.4 - Freguesia de Rabo de Peixe.
Fotografia nossa.

fig. 01.5 - Transferência dos principais lugares de povoação ao longo dos anos.

fig. 01.6 - Distribuição da população junto ao litoral no final do século XV.

fig. 01.7 - Freguesia das Calhetas em recusa do mar.
Fonte: Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*.

fig. 01.8 - Freguesia dos Remédios.
Fonte: Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*.

02. IDENTIDADE DE UM POVO

fig. 02.1 - Moradores da Ribeira Seca.
Fotografia nossa.

fig. 02.2 - Moradores da Ribeirinha.
Fotografia nossa.

fig. 02.3 - Praia do Monte Verde.
Fotografia nossa.

fig. 02.4 - Romeiros de Água de Pau, 2014.
Fonte: <http://diariodalagoa.com/romeiros-de-agua-de-pau-ja-estao-em-roamaria/>

fig. 02.4 - Romeiros em Ponta Delgada, 2015.
Fonte: <http://www.acorianooriental.pt/noticia/romarias-em-sao-miguel-tocam-centenas-de-pessoas-em-cada-freguesia>

03. IDENTIDADE ARQUITETÓNICA

fig. 03.1 - Rua em Rabo de Peixe.
Fotografia nossa.

fig. 03.2 - Rua em Rabo de Peixe.
Fotografia nossa.

fig. 03.3 - Casa na Ribeira Grande.
Fotografia nossa.

fig. 03.4 - Casa e moradores de casa na Ribeira Grande.
Fotografia nossa.

fig. 03.5 - Casas com conversadeiras na Ribeira Grande.
Fotografia nossa.

fig. 03.6 - Casa e moradores da Ribeirinha.
Fotografia nossa.

fig. 03.7 - Desenhado de planta dobrada, à escala 1:200.
Desenho nosso produzido com base em imagem retirada de: Caldas, João Vieira - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*.

fig. 03.8 - Azulejo à entrada de casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 03.9 - Janela da falsa assinalada na fachada de casa na Ribeira Grande.
Fotografia nossa.

fig. 03.10 - Cozinha de cheiros de casa na Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 03.11 - Chaminé prismática restaurada em Santa Bárbara.
Fotografia nossa.

04. A TIPOLOGIA DA BRETANHA

fig. 04.1 - Mapa de estradas e edificado do concelho de Ponta Delgada, escala 1: 100 000.
Desenho nosso produzido com base em mapas fornecidos pela Câmara Municipal de Pon-
ta Delgada.

fig. 04.2 - Mapa da freguesia das Capelas, escala 1: 50 000.
Desenho nosso produzido com base em mapas fornecidos pela Câmara Municipal de Pon-
ta Delgada.

fig. 04.3 - Mapa da Bretanha (atuais freguesias dos Remédios, Ajuda e Pilar da Bretanha),
escala 1: 50 000
Desenho nosso produzido com base em mapas fornecidos pela Câmara Municipal de Pon-
ta Delgada.

fig. 04.4 - Vista sobre a Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.5 - Casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.6 - Casas voltadas a norte ao longo da rua na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.7 - Cozinha interior de casa no Pilar da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.8 - Falsa de casa no Pilar da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.9 - Casa de empena-fachada.
Desenho nosso produzido com base em imagem retirada de: Caldas, João Vieira - coord.
(2000). *Arquitectura Popular dos Açores*.

fig. 04.10 - Casa abandonada de empena-fachada na freguesia dos Remédios.
Desenho nosso produzido com base em desenhos de levantamentos local.

fig. 04.11 - Falsa de casa no Pilar da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.12 - Casas com dependências visíveis da rua na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.13 - Quintal vislumbrado entre duas casas na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.14 - Terminação de chaminé no Pilar da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.15 - Alheta entre duas casas na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.16 - Sequência de tipos de casas na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.17 - Planta, corte e alçado de casa na Ajuda da Bretanha.
Desenho nosso produzido com base em desenhos de levantamento local.

fig. 04.18 - Sr. António, morador da Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.19 - Interior da falsa de casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.20 - Interior da falsa de casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.21 - Interior da falsa de casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.22 - Interior da falsa de casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.23 - Fachada de casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.24 - Casa de despejo e cozinha de cheiros de casa na Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.25 - Fisionomia dos camponeses micaelenses.
Fonte: Furtado, Francisco de Arruda (1884). *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos. Ob-
servações sobre o Povo Micaelense*.

fig. 04.26 - Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.27 - Ajuda da Bretanha.
Fotografia nossa.

fig. 04.28 - Casa nas Furnas com mansarda, escala 1:200.
Desenho nosso produzido com base em desenhos de levantamento local.

fig. 04.29 - Possível evolução da mansarda, escala 1:200
Desenho nosso produzido com base em desenhos de levantamento local.

fig. 04.30 - Estrada Regional, freguesia dos Remédios.
Fotografia nossa.

ANEXOS

Borralheira. Forma de lar primitivo situado ao ar livre no meio do quintal constituído apenas pelo forno e uma chaminé rudimentar com uma pequena abertura para os fumos. (era frequente no século XIX na Bretanha). Situação idêntica ocorria nas ilhas Canárias.

Cafua. Construção ligeira em forma de tenda com cobertura de duas águas (de palha, canas ou tábuas de escama) que descem até ao chão. Aparecem junto dos terrenos de cultivo para armazenamento provisório de produtos de terra ou para abrigo ocasional dos trabalhadores agrícolas.

Casa empena-fachada (ou casa abarracada). Tipo de habitação com as duas águas do telhado perpendiculares à fachada principal que toma, assim, a forma de empena.

Casa rural. Designação utilizada para o complexo constituído, em ambiente rural, pela casa de habitação unifamiliar e pelas construções e espaços anexos destinados a apoiar as atividades domésticas e agrícolas.

Casa de despejo. Construção independente da casa destinada a armazenar produtos da terra ou objetos fora de uso.

Casinha. Antigamente, quando as casas de banho eram inexistentes, havia um anexo, de dimensões reduzidas, ao fundo do quintal, geralmente em madeira, onde estava a retrete.

Conversadeiras (ou namoradeiras). Par de banquetas simétricas que ocupavam geralmente os ângulos dos vãos das janelas da fachada da rua das habitações, permitindo que duas pessoas se sentassem frente a frente. Foram utilizadas também em reentrâncias nas guardas de terraços e balcões dessas casas, em muros de jardins, e, já na Época Contemporânea, em muros e vedações de vias e espaços públicos.

Cozinha de cheiros. Segunda cozinha da habitação, independente da casa e geralmente no exterior. É mais utilizada do que a cozinha interior na preparação das refeições, impedindo que o interior da casa se suje ou seja contaminado com odores.

Chaminé de duas grotas. Grande chaminé rematada por dois tubos cilíndricos encimados por chapéus onde se situam as fugas.

Chaminé de mãos-postas. Grande chaminé com a secção vertical em forma de trapézio isósceles muito agudo, frequentemente com um pequeno remate de secção triangular.

Chaminé prismática. Grande chaminé com base paralelepipedal, secção semelhante à chaminé de mãos-postas e com terminação irregular.

Falsa. Piso baixo situado geralmente sobre o piso principal de uma casa de habitação. Corresponde à faixa superior da fachada e ao aproveitamento do vão do telhado. Pode ocupar toda a área do corpo principal da habitação ou só uma parte, podendo então funcionar como mezanino. Serve frequentemente de espaço para dormir e é denunciado no exterior pelas janelinhas implantadas junto ao beiral.

Grota. Pequeno vale, profundo e muito encaixado, escavado pela corrente das águas pluviais e coberto de densa vegetação.

Império. Pequena construção semelhante a uma ermida (embora mais pequena e com uma fachada mais extravagante) destinada ao culto do Espírito Santo.

Mansarda (ou trapeira). Janela elevada sobre o telhado, incluindo as paredes e a cobertura individualizada que permite a sua utilização.

Poial de rua. Banco em pedra encontrado nas ruas, por vezes embutido na ombreira das portas, destinado ao convívio ou à contemplação do mar.

Pombinha. Remate cerâmico com a forma esquemática de uma pomba, colocado nos ângulos dos telhados.

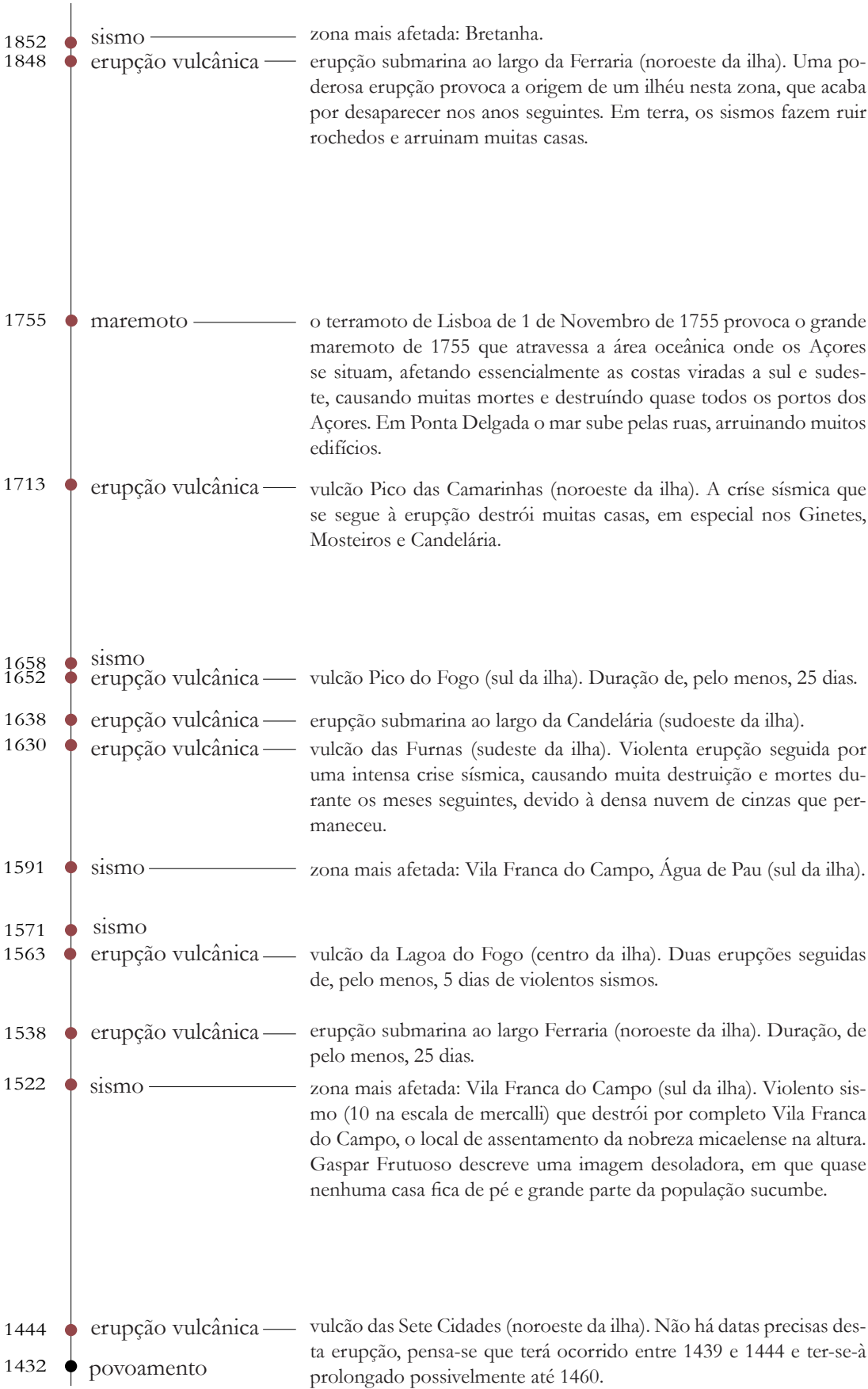
Romaria (antigamente designada por “visita às casinhas de Nossa Senhora”). Trata-se da peregrinação religiosa de grupos de penitentes do século masculino que, durante uma das semanas na Quaresma, percorrem a ilha de São Miguel e visitam todas as igrejas e ermidas onde haja exposta a imagem da Virgem Maria (cerca de 100 templos).

Quarto de estado. Quarto de dormir privilegiado na habitação, destinado a visitantes ou a ocasiões especiais.

Quarto de serão. Sala de estar destinada ao convívio familiar.

Quarto de visitas. Sala de estar destinada à receção de visitas.

Friso cronológico dos principais desastres naturais em São Miguel, do séc. XV ao séc. XIX

















Capelas



Remédios



Santo António



Ajuda da Bretanha



Santa Bárbara



Pilar da Bretanha









